

REVARTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Oi colaboradores!

Um personagem de uma frequentadora da Revista. Nós estamos muito felizes com as contribuições que vocês fazem para nós.

CARLA FAÇANHA DE BRITO

Como sabem, aqui é uma biblioteca, mas nós do reino da Revartelândia também temos Dança, Coral, judô, Xadrez, Aulata, Violão e como já devem ter percebido, Desenho também. Todos convivendo harmoniosamente. Dêjam bem vindos ao reino da Revartelândia!



NOTAS FISCAIS VALEM PROJETOS REALIZADOS

DOAÇÕES
Cartão - Mensal
Formação Pague Mensal
Conta Mensal ou Única
Banco - 341
AG - 3827
Conta - 08318-3

**AS DIVERSAS LEITURAS NA BIBLIOTECA
COMUNITÁRIA MONTEIRO LOBATO:
INTERVENÇÃO NA REALIDADE
PARA UMA PRÁTICA SOCIAL**

Alba Junior da Silva Costa - 14

REVARTE

32393082/32732338

FORTALEZA
2007



CARLA FAÇANHA DE BRITO

**AS DIVERSAS LEITURAS NA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA MONTEIRO
LOBATO: INTERVENÇÃO NA REALIDADE PARA UMA PRÁTICA SOCIAL**

Monografia apresentada ao curso de graduação em
Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará
como requisito para a obtenção do grau de bacharel.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Virgínia Bentes Pinto

FORTALEZA
2007



B862d

Brito, Carla Façanha de

As diversas leituras na Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato: intervenção na realidade para uma prática social / Carla Façanha de Brito. - Fortaleza, 2007.

60p. : il.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia).

1. Biblioteca comunitária. 2. Leituras. 3. Transformação social. I. Universidade Federal do Ceará.

CDD 001.42

A Deus, que ilumina os meus caminhos, e que me lapida dia a dia, guiando meus passos e me fazendo enxergar as oportunidades e os desafios, aproveitando cada momento com esperança, humildade e dignidade. E a minha querida sobrinha, Júlia, que chega ao mundo, irradiando beleza, trazendo luz, esperança e alegria de viver intensamente.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois sem Ele nada seria possível.

Aos meus pais, pelo empenho em modelar meu caráter, pela crença na minha capacidade de vencer, que com seus exemplos me ensinaram o valor das conquistas.

A minha Amiga e orientadora Prof^a Dr^a Virgínia Bentes Pinto (valeu!!!), cuja “cognição” simplesmente fantástica, e seu perfeccionismo incomparável, me ensinou que nada está totalmente finalizado e que a vida é um eterno devir (até mesmo essa monografia), pois sempre é hora de aprender.

A minha família, por seu carinho, atenção e confiança, nossa união foi fundamental na superação das dificuldades.

Ao meu noivo, Jorge Luís, um presente de Deus, que com grande paciência, suportou minhas chatices, stresses... sem ele certamente esse sonho seria incompleto.

Aos meus inesquecíveis amigos (a turma!), Adeli, Ana Kelly, Camila Moraes (a mamãe), Cauê (onde anda mesmo você?), Danielle Lima, Daniele Melo, Dulcemir, Edmara Ferreira (a pequena), Eleína, Elizângela (mais uma loura no mundo!), Helga Raquel (cadê você? Saudades!), Francinir (a motorista), Isabel (a única enfermeira que se veste de preto), Jonathas Carvalho (bendito sois entre as mulheres), Kásia, Mayra Mesquita (a monitorinha), Marina Alves (foto é com ela mesma), Neide, Neuila (a musa do lilás), Rafaela, Romana, Viviane e Wanda. Juntos, ainda vamos mais longe!

A equipe maravilhosa da REVARTE que com seu exemplo procura mostrar ao mundo que, com simplicidade, criatividade e vontade de ajudar, é capaz de transformar vidas.

Aos professores da Biblioteconomia que deram o melhor de si, melhor esse que levarei comigo por toda a vida, fazendo valer seus ensinamentos através de um profissionalismo dedicado e responsável.

“Lá pelos meados de 1994, conheci a Alice. Trocamos idéias sobre crianças carentes e prometemos ajuda mútua para futuros planos de uma biblioteca.

Passaram-se quase quatro anos. Recebo um telefonema da Alice, dizendo que já tinha a casa. Lá funcionava a REVARTE - Resgatando os valores pela arte, que já contava com um coral, aula de flauta, violão, bordado, crochê, artesanato e teatro. Ela então perguntou se eu a ajudaria na organização da biblioteca.

O nosso sonho começava a se tornar realidade. Ganhamos cerâmicas, para colocar no piso da sala, que era de cimento puro, ganhamos tinta para pintar as paredes e encontramos a Rachel e sua turma, que transformaram nossas paredes, em páginas de livros, e em lugares para se sonhar [...].

Conseguimos as estantes com amigos, e os primeiros livros começaram a chegar. E em abril de 1999 começamos a funcionar. Estava criada a ***Biblioteca Monteiro Lobato***.

De lá para cá, fomos crescendo [...]. Conseguimos facilitar o acesso ao livro, à informação, incentivar o gosto da leitura, popularizar a literatura e colocar a Biblioteca no cotidiano das pessoas.

Com certeza, podemos afirmar que a ***Biblioteca Monteiro Lobato*** não é um mero depósito de livros. Lá o livro vai ao leitor, se apresenta com seus encantos e suas possibilidades de descobrir o mundo. É um Multirão da Leitura. Prepara leitores, produz cidadãos.

Lá na biblioteca, mais do que crianças e jovens, que contam histórias umas para as outras, são cidadãos, se forjando na descoberta da beleza do mundo ao qual tem direito.

Nos perguntam se vale a pena????

O que ganhamos com isso???

No princípio, tudo parecia difícil e inatingível, mas, etapa por etapa fomos nos superando.

Doar a essas pessoas, uma parcela do nosso tempo, promover brincadeiras, contar histórias, torná-las responsáveis. Fazer para elas a ‘diferença’.

Sejamos, portanto, os que querem fazer do mundo um lugar melhor.

Sejamos a diferença!”.

RESUMO

Apresenta as possibilidades das práticas de leituras oferecidas pela Biblioteca Comunitária, na medida em que se inserem em seu contexto diário atividades não só educativas, mas, culturais e recreativas. Trata-se de uma pesquisa exploratória que visa a identificar as contribuições das leituras exercidas na biblioteca, como essenciais na transformação da realidade de seus usuários, bem como a participação desses nessa transformação, na tentativa de indicar caminhos para a prática de cidadania consciente. Aborda como método a dialética, no intuito de criar vínculos entre pesquisador e pesquisado. A pesquisa foi realizada na Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato, no conjunto Alvorada, em Fortaleza. Pretende-se que o presente trabalho incite nos educadores, bibliotecários e na comunidade, a importância do papel da Biblioteca Comunitária, com suas atividades de leituras, como “ponte” que permite a circulação da informação, trabalhando esta por meio da reflexão vinculada às necessidades primordiais de uma comunidade: educação, lazer, cultura etc.

Palavras – chave: Biblioteca Comunitária. Leituras. Comunidade. Transformação social.

ABSTRACT

It presents the practical possibilities of readings offered for the Communitarian Library, in the measure where if they insert in its daily context activities not only educative, but, cultural and recreativas. One is about a exploratory research that it aims at to identify the contributions of the readings exerted in the library, as essential in the transformation of the reality of its users, as well as the participation of these in this transformation, in the attempt to indicate ways for the practical one of conscientious citizenship. The dialectic approaches as method, in intention to create bonds between searched researcher and. The research was carried through in the Communitarian Library Monteiro Lobato, in joint Alvorada, in Fortaleza. It is intended that the present work stirs up in the educators, librarians and in the community, the importance of the paper of the Communitarian Library, with its activities of readings, as "bridge" that allows the circulation of the information, working this by means of the entailed reflection to the primordial necessities of a community: education, leisure, culture etc.

Key - words: Communitarian library. Readings. Community. Social transformation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desenho de animais-----	40
Figura 2 – Desenho “Mamãe Ganso e seus filhotes”-----	40
Figura 3 - Desenho “Alice no país das maravilhas”-----	40
Figura 4 – Desenho “A Bela e a Fera”-----	40
Figura 5 – Turma do judô-----	41
• Figura 6 – Inclusão social por meio de torneios-----	41
Figura 7 – Espaço infantil para a leitura de livros, gibis etc-----	42
Figura 8 – Ludoteca-----	42
Figura 9 – Espaço Ana Maria Machado-----	42
Figura 10 – Oficina de violão-----	42
Figura 11 – Oficina de flauta-----	42

LISTA DE TABELAS

Gráfico 1 - Idade dos usuários da BCML-----	48
Gráfico 2 - Interesses diários dos usuários da BCML-----	49
Gráfico 3 - Visita dos usuários a BCML-----	50
Gráfico 4 - Motivação da visita dos usuários à BCML-----	51
Gráfico 5 - Atividades apreciadas pelos usuários na BCML-----	52
Gráfico 6 - Diferenças entre a leitura dos livros escolares e livros da BCML-----	53
Gráfico 7 - Iniciativa dos usuários a convidar pessoas para visitar a BCML-----	54
Gráfico 8 - Frequência do convidado na BCML-----	55
Gráfico 9 - Atividades praticadas pelos usuários da BCML anteriores a descoberta da biblioteca-----	56
Gráfico 10 - Frequência de leitura dos usuários da BCML antes de conhecerem a biblioteca-----	57
Gráfico 11 - Mudanças ocorridas nos usuários da BCML depois que passaram a frequentar a biblioteca-----	58
Gráfico 12 - Principais mudanças no desempenho dos estudos e atividades diárias dos usuários após frequentarem a BCML-----	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 LEITURA E PRÁTICA SOCIAL	14
2.1 A realidade: conhecendo para transformar	15
2.2 Leitura e produção de sentido	16
2.2.1 Compreendendo a produção de sentido	16
2.2.2 O leitor e sua “Produção Cognitiva”	17
2.3 Trabalhando a leitura pelo viés da estética da recepção	19
2.4 Sociointeracionismo: leituras e realidade	20
2.5 Letramento para uma leitura social	22
2.6 Leituras: universo além de livros	23
3 A BIBLIOTECA E SUA ATUAÇÃO	25
3.1 Bibliotecas Públicas e comunidade: criando vínculos	25
3.1.1 A Biblioteca pública e a Biblioteca Comunitária	26
4 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: DESMISTIFICANDO A SUA ATUAÇÃO	31
4.1 O Bibliotecário e a biblioteca comunitária	33
4.1.1 O Papel do bibliotecário: do “guardião de livros” a educador	34
4.1.2 Bibliotecário e Comunidade: relação social	36
4.1.3 Bibliotecário - leituras - biblioteca: o que muda?	37
5 A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA MONTEIRO LOBATO (BCML)	39
5.1 A BCML e suas diversas leituras	43
5.2 A mediação na BCML: Trabalhando a cidadania	44
6 METODOLOGIA	46
7 ANÁLISE DOS DADOS	48
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIA	63
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	66
ANEXO A – ESTATUTO SOCIAL	69

1 INTRODUÇÃO

Não podemos duvidar de que a leitura tem uma importância muito grande na educação e na formação do sujeito, uma vez que possibilita a aquisição de conhecimentos e enriquecimento psico-sociocultural, ampliando as condições de convívio social e interação. Na realidade, a existência do ser humano está imbricada com as leituras de seu meio ambiente e, estas formas de leituras o acompanham em seu caminhar existencial.

A partir dessas reflexões, é que nosso interesse pela leitura tem se intensificado, principalmente, porque percebemos a necessidade de sua valorização e inclusão não só dentro das instituições de ensino, como ato solitário e muitas vezes como instrumento de obrigação e opressão, porém como acesso ao conhecimento diferenciado, libertador, sem imposições ideológicas. Entendida assim, permite ao sujeito-leitor reconhecer sua identidade, seu lugar social e, sobretudo a compreensão, assimilação e questionamentos da realidade na qual ele se insere. Apoiando-nos em Becker (1998, p.18) percebemos que a leitura vai além do ato solitário, ela possibilita a

[...] interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; entre esses dois: enunciação; diálogo?

Sendo assim, entendemos que o ato de ler não é “inocente”, ele nos obriga a tomarmos uma atitude séria e curiosa na procura de conhecer e compreender as coisas, os fatos e os objetos do mundo. De acordo com Magda Becker (1998), a leitura é um ato em conjunto, interativo, que permite ao leitor a comunicação não só com a sua realidade, mas também com realidades diferentes. É dentro desse diálogo, que envolve trocas de experiências e aprendizado, que a leitura entra como fator determinante para que o sujeito-leitor encontre a sua identidade dentro da realidade vivida e descubra um outro universo, o do autor.

É nessa perspectiva, que implementamos uma pesquisa junto à Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato (BCML) tendo por fio condutor os seguintes questionamentos: Tem as práticas de leituras da BCML contribuído com a realidade de seus usuários? Será que o leitor tem consciência dessa ação transformadora, e de sua intervenção nessa ação? E por fim, que alcances poderiam ter essas transformações, e em que âmbito elas atuariam? Para responder a estes questionamentos, estabelecemos como objetivos desse trabalho investigar o ato de ler, partindo das observações já apresentadas, por meio das ações de leituras praticadas

na BCML, identificar nessa leitura aspectos relevantes que a torna capaz de alterações em uma determinada realidade ocasionando mudanças sociais. Onde essa leitura que refletiremos ao longo desta monografia irá além das visões formais defendidas e que já não definem mais a profundidade do termo, embora vários estudiosos e própria escola ainda teimem numa visão castradora, em que obriga ao leitor pensar de forma linear. É nessa perspectiva, que buscamos identificar se o leitor da BCML tem consciência dessa autonomia, da capacidade de contribuir e transformar a sua realidade e conseqüentemente a realidade do mundo pelo processo da leitura, assumindo seu papel sócio-histórico. Como também, na compreensão da realidade em que o leitor se insere observar se a leitura, trabalhada pela BCML com o objetivo não só de trazer à sociedade o conhecimento das letras, mas de criar e recriar, e não simplesmente repetir o que os “outros” dizem, traz contribuições a essa realidade. E identificar nesse leitor a sua participação no processo de transformação da realidade através da leitura, como sujeito produtor de sentido, na busca de fazer aflorar essa consciência, permitindo a comunidade leitora a refletir e agir, mediante suas atividades diárias.

A estrutura física da monografia consta de oito capítulos. Tratamos inicialmente no primeiro capítulo, de forma introdutória na problemática de nossa pesquisa, bem como as análises e resultados destas. No segundo capítulo, abordamos à leitura com vistas a sua ação social e como se processa a sua atuação na cognição do leitor. Pois se torna imprescindível a identificação desse processo, sabendo que é em sua mente que se processam as relações com os objetos, tornando suas leituras de maneira a permitirem ao sujeito compreender as coisas ao seu redor, a partir de conexões com sua própria realidade.

Os aspectos referentes à leitura e suas concepções, em que a estética da recepção, sociointeracionismo e letramento corroboram num único objetivo, permitir ao leitor a possibilidade de crescimento intelectual, cultural e social, onde esse se torna sujeito ativo dessa relação, são tratados ainda no segundo capítulo.

No terceiro capítulo, partiremos para o campo da atuação da biblioteca, como um espaço de democratização da informação, favorecendo a construção do conhecimento, onde a comunidade se torna peça essencial no sucesso dessa ação social. E é nesse intuito que mostramos o trabalho de atuação da biblioteca pública, seus sucessos e falhas, na busca de uma relação íntima com a comunidade, apontando para o surgimento da biblioteca comunitária, no intuito de fazer nascer um vínculo estreito entre biblioteca, leitura, práticas sociais e comunidade.

Nesse processo, se encontra o bibliotecário, como um agente imprescindível, no trabalho social da leitura, onde atua, a partir do espaço da biblioteca, por meio de seu profissionalismo e qualidades, contribuindo para a existência de um canal em que comunidade e biblioteca possam interagir dinamicamente, na construção contínua do conhecimento. Dessa forma trataremos no quarto capítulo a biblioteca comunitária junto ao profissional bibliotecário em que se constata uma convivência de cumplicidade com seus usuários, instigando-os a exercer e praticar a cidadania, bem como por meio de suas ações, permitirem à comunidade a prática exaustiva do ato de ler de maneira reflexiva, consciente e crítica, partindo inicialmente da realidade desta. Nesse contexto se destaca nosso objeto de estudo, a Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato, abordada no quinto capítulo, como parte fundamental na criação de um elo entre a comunidade do conjunto Alvorada e o espaço da biblioteca.

No sexto capítulo tratamos da metodologia utilizada, cuja pesquisa se destaca como exploratória, visando levantar questões elementares para futuras pesquisas. Trata-se de uma pesquisa participante, em que o método dialético forneceu bases sólidas para os dados analisados. A coleta de dados deu-se por meio de questionários e observação, com amostra de 24 participantes. Abordamos o tratamento dos dados e as discussões dos achados da pesquisa, no sétimo capítulo, objetivando esclarecer as questões iniciais da pesquisa e os objetivos pretendidos. Por fim, no oitavo capítulo, concluímos com as considerações finais, trazendo ao interesse de bibliotecários, educadores e estudantes, novas perspectivas no campo de atuação da biblioteca comunitária e as suas práticas de leituras.

2 LEITURA E PRÁTICA SOCIAL

Quando falamos em leitura nos vêm à mente conceitos diversos. Geralmente associamos à escola, livro, texto etc., conceitos que caracterizamos como sinônimos de leitura e que estão enraizados na sociedade.

A leitura que vamos investigar e refletir vai além desses conceitos formais e que já não definem a profundidade do termo, pois o ato de ler nos leva a tomarmos uma atitude séria e curiosa na procura de conhecer e compreender as coisas e os fatos, como e onde esses se processam. Com efeito, na busca de compreender a realidade em que o leitor se insere, a leitura quando bem trabalhada, com o objetivo não só de trazer à sociedade o conhecimento das letras, mas de criar e recriar, e não simplesmente repetir o que os “outros” dizem, traz fortes contribuições a essa realidade.

De acordo com Freire (1984, p.12), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. O autor continua seu pensamento afirmando que a leitura da realidade vivida introduz o homem à leitura da palavra, porém não o desassocia dessa realidade, ambos estão em constante interação. Sabemos que a realidade atua na compreensão do texto, dos gestos, das atitudes etc. fazendo com que a decifração e significação destes signos fluam, naturalmente, da leitura do mundo particular. Porém, o que buscamos identificar é se essa realidade sofre transformações, a partir da introdução da prática das leituras no cotidiano do homem, já que segundo Freire (1984), linguagem e realidade se prendem dinamicamente; e que contribuições essa leitura traria a realidade, favorecendo aos leitores destas uma prática social. Ou seja, “quando lemos necessariamente estamos produzindo sentidos (reproduzindo-os ou transformando-os), mais do que isso, quando estamos lendo, estamos participando do processo (sócio-histórico) de produção de sentidos [...]” (PULCINELLI, 1998, p. 59). Percebido assim, o leitor é sujeito da história, não somente decodificador de palavras, de gestos, mas produtor de significados. Na realidade, o leitor não se comporta como um sujeito passivo diante de uma determinada mensagem recebida, mas, ao contrario, como construtor e transformador, pois, enquanto sujeito ativo é capaz de produzir sentidos, aos objetos e coisas do mundo.

Diante dessa ação transformadora e de interação entre o leitor e suas leituras cotidianas, é possível observar a “autonomia” do sujeito-leitor em sua associação com a

leitura. Porém, é preciso que ele tenha consciência dessa “autonomia”, da capacidade de contribuir e transformar a sua realidade e conseqüentemente a realidade do mundo pelo processo da leitura, assumindo seu papel sócio-histórico.

2.1 A realidade: conhecendo para transformar

Os estudos da evolução histórica da sociedade humana mostram que o homem não é um ser passivo, imune às informações que recebe e que o cerca. Ao entrar em contato com um mundo de significações, traz consigo uma grande carga de experiências, ações, sentimentos etc. em sua cognição. Tais experiências são capazes de extrair o que o sujeito percebe do mundo construindo suas próprias relações com o que foi percebido do mundo e que são pertinentes às representações simbólicas de seu universo. E ao receber informações, o ser humano acrescenta outras, elimina, associa etc. construindo novos conceitos, transformando a si e a outros. Corroborando, Damis (1996, p. 15) afirma que existe

[...] em qualquer atividade dirigida pelo homem, espaço para transformação. Esta é possível à medida que o homem como ser pensante, sujeito e objeto, processo e produto do trabalho, é o agente social, material e intelectual capaz de analisar, compreender e contribuir para transformar a realidade a partir das contradições geradas pelo trabalho que realiza, em conjunto com os outros homens.

Em outras palavras, enquanto sujeito e objeto, o homem transforma e é transformado a partir do que recebe; atua modelando, adaptando e extraíndo as mensagens emitidas. Esse processo se torna claro quando este sai do estado de objeto e passa a ser sujeito, não só recebendo informações sem avaliá-las ou questioná-las, mas conscientes do seu “poder” de criar, adaptar, transformar, a partir do seu mundo de significações, da sua realidade, pois, “o homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade, se não é auxiliado a tomar consciência da realidade e de sua própria capacidade para transformá-la”. (FREIRE, 1980, p. 40).

Ao ser estimulado a confrontar e interagir com a sua realidade, o homem se torna consciente das transformações que acontecem constantemente ao seu redor: em sua comunidade, no grupo de amigos, na escola, na política, na família, etc.; e nessa tomada de consciência, é capaz de ser participante nesse processo de transformação. O homem é estimulado a tomar consciência de sua realidade na medida em que, através de ações construtoras e reflexivas, analisa o “mundo de informações” que recebe, observando que os

elementos de sua realidade ao interagir com novos elementos, são capazes fazer surgir conceitos novos e diferentes, que serão essenciais para transformar não só a sua realidade, mas contribuir com outras realidades; sendo assim, sujeitos participantes, formadores e modificadores da história, de seu bairro, da sua cidade, de seu país.

Dessa forma, a transmissão do conhecimento não pode estar desvinculada do cotidiano daqueles a quem se destina, pois não haveria um conhecimento mais profundo da realidade e nem mesmo um posicionamento crítico e reflexivo frente a essa realidade, diante desse fato. Os estudos de Caporaline (1996, p.101) vêm ao nosso encontro afirmando que o relacionamento com a realidade é necessária a fim de levar o sujeito “[...] a pensar criativamente, a resolver problemas, a manipular idéias, a fim de propiciar-lhe também liberdade para explorar e experimentar enfim, de conduzi-lo à reflexão e à ação”.

2.2 Leitura e produção de sentido

2.2.1 Compreendendo a produção de sentido

Primeiramente precisamos compreender como acontece a produção de sentido do sujeito, onde acontece e a partir de que pressupostos ela se realiza.

Lévy (1997) propõe que essa produção de sentido se concretiza a partir do ato de comunicação, onde é esta que define a situação que vai dar sentido as mensagens. Muitas vezes a troca e circulação das informações apenas simbolizam a necessidade de confirmar relações. Por exemplo, um bom dia, pode se distanciar da significação lingüística e representar implicitamente um ato de educação, de simpatia e de confirmar relações. De acordo com o autor, quando

conversamos sobre o tempo com um comerciante de nosso bairro, não aprendemos absolutamente nada de novo sobre a chuva ou o sol, mas confirmamos um ao outro que mantemos boas relações e que ao mesmo tempo nossa intimidade não ultrapassou um certo grau, já que falamos de assuntos anódinos, etc. (LÉVY, 1997, p.21).

Por detrás dos discursos estão aspectos representativos e simbólicos que o sujeito utiliza para transformar o sentido de uma mensagem, onde esses aspectos sejam por

palavras, frases, sinais, imagens, etc., se entrelaçam na sua cognição com uma rede de mensagens anteriores e tentam influir, seja criando ou recriando, o significado das mensagens futuras.

Conforme Lévy (1997) tudo parte da imensa rede associativa que constitui o universo mental do sujeito, um universo que se encontra em metamorfose permanente. O que acontece é um encontro de campos, mensagens e associações, mediante um processo interacional, em que o sujeito retrabalha, reinterpreta um discurso recebido através de relações com suas experiência e vivências, produzindo, fabricando e vivendo um novo discurso.

Silva Neto (1998, p. 42) chama essa produção de sentido como “capacidade inventiva dos sujeitos, que através das operações de bricolagem e das infinitas estratégias desviantes, vão escapando ao cerco montado pelas instâncias produtoras [...]”. Ao se deparar com um texto, discurso ou mensagem, o sujeito, muitas vezes, inconscientemente coloca em ação aspectos singulares do seu dia a dia, de suas vivências, de outros textos, de ingredientes simbólicos e culturais, que vão fazer com que este “realize inferências, na tentativa de recuperar os implícitos, de preencher as lacunas, para construir o sentido do texto” (*id. Ibid.*). Assim

o leitor/ouvinte deixa aflorar, nesse momento, seu conhecimento de mundo, suas crenças, suas vivências, que conduzem ao estabelecimento de conexões entre os enunciados e o levam a construir o sentido do texto, que lê ou escuta. (TREVISAN, 1992, p.53).

2.2.2 O leitor e sua “Produção Cognitiva”

É nesse espaço de conexões, negociações, relações, criações e recriações, que reside a cognição. Onde a todo o momento transformações estão ocorrendo, e a linearidade deixa de existir, pois o pensamento passa a ser uma imensa “colcha” feita de retalhos provenientes de uma certa “desordem” cognitiva em que o sujeito recorta pequenas estruturas pré-estabelecidas e costura com as novas apreensões, deixando de ser um sujeito único, e se tornando em

um ponto de convergência de uma multiplicidade de saberes e conseqüentemente um produtor de várias realidades. Portanto, a experiência é específica e aberta porque é singular a cada sujeito, este nunca dar a ver e nem pode esgotar a totalidade da experiência, como também não sabe a ordem das experiências vividas pelo outro. (MARTINS, 1998, p. 37).

Corroborando com a autora, o sujeito, como um ser múltiplo transforma e é transformado pelas suas relações com outros sujeitos e objetos. Através dessa “imensa colcha” ele vai recebendo, combinando, costurando e por fim (que ainda não é o fim), criando o seu sentido, sua significação própria, que logo mais, sofrerá transformações externas, e assim, esse espaço cognitivo vai sendo, não modelado, pois daria a idéia de algo pronto, mas construído a cada ato de comunicação.

Lévy contribui nesse aspecto quando pergunta:

quanto valeria um pensamento que nunca fosse transformado por seu objeto? Talvez escutando as coisas, os sonhos que as precedem, os delicados mecanismos que as animam, as utopias que elas trazem atrás de si, possamos aproximar-nos ao mesmo tempo dos seres que as produzem, usam e trocam, tecendo assim a coletivo misto, impuro, sujeito-objeto que, forma o meio e a condição de possibilidade de toda comunicação e todo pensamento. (LÉVY, 1997, p. 11).

É na cognição que onde tudo muda constantemente, mesmo a compreensão técnica mais precisa, o cálculo mais correto, não há mais garantibilidade, pois muitas vezes, um pequeno fator modifica totalmente, em minutos, todas as “veracidades”. Como na teoria de Edward Lorenz, por exemplo, com seu “efeito borboleta”, afirma que o bater de suas asas modificará completamente a atmosfera da terra, ou seja, uma pequena palavra, objeto, imagem, etc. podem desestruturar todo um contexto existente.

É nesse eterno devir, essa heterogeneidade, que a cognição se fixa, nas mais variadas associações interativas. Tudo está em transformação, nada é estável, tudo é contínuo, “pois vivemos a eterna mudança e germinação de novos contextos, que vistos de perto são o caos”. (BAIRON, 1995, p. 143 e 145). É nesse caos e nessa “eterna mudança”, que o sujeito se modifica, e deixa de ser único para se transformar em um ser composto, formado de uma imensa rede associativa provinda de outros seres. Segundo Lévy (1997, p. 135)

a inteligência ou a cognição são o resultado de redes complexas onde interagem um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos. Não sou “eu” que sou inteligente, mas “eu” com o grupo humano do qual sou membro, com minha língua, com toda uma herança de métodos e tecnologias intelectuais.

Segundo Bairon (1995, p.143) o ser humano, não pode ser percebido único, mas um ser plural e múltiplo, que ao fazer suas inferências, recebe uma grande variedade de influências provindas de suas relações com o mundo. O homem apreende, ao mesmo tempo em que interfere, e nesse processo, associações vão se formando, que fogem ao seu controle. Ao produzir seu sentido, que já não é mais seu, mas de todos os elementos que contribuíram

para a sua produção, o “eu” se desfaz, para surgir o “eu com todos”. Para este autor “somos todos essencialmente plural, somos vários com inúmeros interesses e com algumas poucas nuances de continuidade”. (BAIRON, 1995, p.143).

O Homem, a cada encontro, leitura, conversas, etc. vai se tornando em outro, e esse “outro” se torna esse ser plural, composto de outros “atores humanos”. O sujeito se desfaz e

não há mais sujeito ou substância pensante, nem “material”, nem “espiritual”. O pensamento se dá em uma rede no quais neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistemas de escrita, livros e computadores se interconectam, transformam e traduzem as representações. (LÉVY, 1997, p. 135).

Saber onde começa e se forma o sujeito, já não é mais possível, diante dessa multiplicidade de interações que se forma na cognição, uma imensa rede de associações, que permite ao sujeito compreender as coisas ao seu redor, a partir de conexões com realidades diferentes,

[...] trabalhar, viver, conversar fraternalmente com outros seres, cruzar um pouco por sua história, isto significa, entre outras coisas, construir uma bagagem de referência e associações comuns, uma rede hipertextual unificada, um contexto compartilhado, capaz de diminuir os riscos de incompreensão. (LÉVY, 1997, p. 72 E 73).

2.3 Trabalhando a leitura pelo viés da estética da recepção

Diante dessa produção de sentido e no âmbito da estética da recepção, podemos considerar a leitura como uma variável, que se movimenta tanto no pólo da recepção, onde o leitor recebe a mensagem, como também, referenciá-la a um universo cultural, capaz de atribuir significação ao que está sendo recebido. De acordo com Melo (1998, p.100) “somente se completará a experiência comunicativa se a mensagem a ser emitida contiver ingredientes simbólicos e culturais capazes de suscitar a atenção do receptor potencial e conduzi-lo à sua leitura (apreensão e compreensão)”.

O autor continua seu pensamento afirmando que só haverá interação entre texto e leitor se este envolver sua realidade, tanto como estimuladora à leitura, como instrumento de transformação dos objetos de leituras para uma produção de sentidos.

Na perspectiva da estética da recepção, as significações dos textos, das ações, dos gestos, quaisquer que sejam, são constituídas pelas leituras que se apoderam deles. Porém, essas leituras, consideradas como práticas criadoras, inventivas, produtoras, não

anulam no texto, gesto ou ação lida, os sentidos emitidos por seu autor, apenas faz com que o leitor assuma um papel atuante, deixando de ser um mero receptor passivo, dando as essas leituras uma significação própria, que recebem reflexos da realidade vivida desse leitor.

Através de estética da recepção, a função do leitor passa a ser canalizada em caráter como essencial na função de interpretação e qualificação de uma obra. Devemos compreender que esta não tem como centro o leitor, apenas abriu um espaço a este onde antes não existia, defendendo sua liberdade de interpretação.

Na conduta da estética, de acordo com Jauss (1979, p.77),

o sujeito sempre goza mais do que de si mesmo: experimenta-se na apropriação de uma experiência de sentido do mundo, ao qual explora tanto por sua própria atividade produtora, quanto pela integração da experiência alheia e que, ademais, é passível de ser confirmada pela anuência de terceiros.

Seguindo o pensamento do autor, a estética da recepção aponta para uma comunicação entre autor, leitor e texto (relacionando aqui não só o texto escrito, mas gestos, atitudes, conversas formais e informais, ações, etc.), ambos interagindo, criando e recriando. Ao leitor, a liberdade de interpretação e entendimento; ao autor, uma nova abordagem de ver sua obra e a oportunidade de se tornar leitor desta, passando a ter uma nova visão de sua arte. E por fim, ao “texto”, valorizando as suas infinitas interconexões.

2.4 Sociointeracionismo: leituras e realidade

A concepção sóciointeracionista foi desenvolvida por Vigotski, que defendia a idéia em que, uma criança teria o seu desenvolvimento mais acelerado a partir do auxílio de outras pessoas, ao invés de sozinha. Tanto Vigotski e Piaget defendiam essa idéia,

embora haja uma diferença muito marcante no ponto de partida que definiu o empreendimento intelectual de Piaget e Vigotski - o primeiro tentando desvendar as estruturas e mecanismos universais do funcionamento psicológico do homem e o último tomando o ser humano como essencialmente histórico e portanto sujeito às especificidades do seu contexto cultural - há diversos aspectos a respeito dos quais o pensamento desses dois autores é bastante semelhante. [...] Tanto Piaget como Vigotski são interacionistas, postulando a importância da relação entre indivíduo e ambiente na construção dos processos psicológicos; nas duas abordagens, portanto, o indivíduo é ativo em seu próprio processo de desenvolvimento: nem está sujeito apenas a mecanismos de maturação, nem submetido passivamente a imposições do ambiente. (OLIVEIRA, 1993 apud DUARTE, 1998).

Porém hoje, com as novas abordagens já se define o pensamento de Piaget como construtivista, isso não modifica nem desconstrói a visão Sóciointeracionismo que percebe o homem como um sujeito ativo que age sobre o mundo, sempre em relações sociais, que transforma essas ações sendo refletidas internamente.

O homem ao se relacionar com as pessoas, ou com um livro, interage de forma a permitir mudanças psicológicas. O que foi lido, visto e ouvido se funde com a realidade do leitor e é transformado a partir dessa socialização para influenciar a realidade vivida.

De acordo com Vigotski (1993, p. 5) “a função primordial da fala é a comunicação, o intercâmbio social”. Para este, as funções psicológicas emergem e se consolidam no plano da ação entre pessoas e tornam-se internalizadas. Considera, portanto, as relações sociais como constitutivas das funções psicológicas do homem.

Bakhtin (1997) propõe também uma concepção interativa da linguagem. Para ele a linguagem é uma prática social, “a consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social” (BAKHTIN, 1997, p. 34). A consciência se constitui no processo de assimilação da experiência alheia, através da comunicação.

Segundo Freitas (2001, p. 169), com respeito a Bakhtin: “no centro de todo o seu pensamento está uma inovadora e dinâmica percepção da linguagem com produção de sentido [...]”. Corroborando com Bakhtin, só há produção de sentido na leitura quando há interação entre “texto” e leitor, envolvendo a realidade de ambos.

Zilberman e Silva (1998, p. 112), afirma também que a leitura,

na condição de um instrumento de conscientização, quando diz respeito aos modos com a sociedade, em conjunto, repartida em segmentos diferentes ou composta de indivíduos singulares se relaciona ativamente como produção cultural, isto é, com os objetos e atitudes em que se depositam as manifestações da linguagem.

A partir do sóciointeracionismo, as leituras colocam-se como meio de aproximação entre indivíduos e a produção cultural, podendo significar a possibilidade do acesso e produção do conhecimento.

2.5 Letramento para uma leitura social

A proposta do letramento é recente no cenário brasileiro, de acordo com Soares (2000), o termo letramento integra há pouco tempo o discurso de especialistas das áreas de educação e de lingüística. Este surgiu na segunda metade do século passado, e foi mais especificamente em 1986, que o termo letramento “surgia no cenário educacional brasileiro”. Conforme a autora esse termo surgiu a partir da publicação da obra da Professora Mary Kato, No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística, da Editora Ática em 1986, onde a autora aborda que a língua falada culta é consequência do letramento. Nesta proposta a leitura assume, no âmbito da educação uma dimensão bem mais ampla que a decifração da escrita.

Segundo Soares (2000) há duas maneiras de ver o letramento, a primeira delas é dimensão individual, onde se prioriza a capacidade de ler e escrever do indivíduo, ou seja, uma pessoa letrada seria aquela que lê e escreve com compreensão. A segunda visão é a dimensão social, onde o letramento é abordado não só como habilidades de ler e escrever, mas como essas habilidades são usadas para atender às exigências sociais.

Do ponto de vista da dimensão individual do letramento, “a leitura é um conjunto de habilidades lingüísticas que se estendem desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos”. (SOARES, 2000, p.68).

De acordo com a autora, essas categorias (decodificar e compreender) não se opõem, completam-se. O letramento também envolve não só a leitura, mas a escrita. Apesar da diferenças, as definições de letramento freqüentemente tomam a leitura e a escrita com a mesma e única habilidade, desconsiderando as peculiaridades de cada uma e as dessemelhanças entre elas.

Do ponto de vista social do letramento, este é um fenômeno social, não é um atributo unicamente ou essencialmente pessoal, mas é, sobretudo, uma prática social: letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, “letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seus contextos sociais”. (SOARES, 2000, p. 72).

Nesta perspectiva, entendemos que o letramento não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, sobretudo, levar indivíduos- crianças e adultos- a fazer em uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e de escrita. Logo, esta prática não se limita a decifração de códigos lingüísticos, muito pelo contrário, é nela que o sujeito enquanto dinâmicos no mundo estabelecem sentido às coisas e objetos percebidos no mundo

2.6 Leituras: universo além de livros.

O conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da palavra escrita. É muito comum ligarmos a prática da leitura ao universo dos livros. O ato de ler está intrinsecamente ligado à escrita, porém este não se limita somente a um livro, revista, jornal etc. De acordo com Martins (1994, p. 7), “não basta decifrar palavras para acontecer à leitura. Podemos ‘fazer a leitura’ de um gesto, de uma situação; ‘ler a mão’, ‘ler o olhar e o comportamento de alguém’, ‘ler o tempo’”. O ato de ler vai, pois, além da escrita. Neste sentido Louis Marin (1996, p. 117) faz algumas indagações: “Lemos uma carta, um poema, um livro: como é ler um desenho, um quadro, um afresco? Pois se o termo leitura é, imediatamente, adequado ao livro, também o é ao quadro?”.

O autor fala ainda que o quadro é uma forma de escrita, ou, ao menos, de inscrição, que possui características e propriedades específicas, contudo, aparentam-se com o texto escrito ou, sobretudo lido ou legível.

Essa “leitura de mundo”, das coisas ao nosso redor, é tão necessária quanto à leitura de um livro. É ela que nos coloca em contato com a realidade individual e a realidade do mundo. Além do mais, “seria contra-senso insistir na importância da leitura restringindo-a aos livros ou, quando muito, a textos escritos em geral”, afirma Martins (1994, p. 28). Milhões de pessoas, como analfabetos espalhados pelo mundo, que não tem a leitura da escrita no seu cotidiano, porém lêem a realidade ao seu redor, lêem formas, gestos, desenhos; e essa leitura de mundo, permite compreender e valorizar melhor cada passo do aprendizado dessa realidade, que independe do contexto escolar e vai para além do texto escrito.

Seria preciso considerar a leitura como um “processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem”. (MARTINS, 1994, p. 30). De acordo com a autora, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano. Uma “leitura das coisas ao redor” que precede a leitura

do texto escrito (FREIRE, 1984, p. 12, tradução nossa) e para se obter esta segunda leitura é preciso compreender a primeira, como um “túnel” que conduz para o aprendizado crítico da realidade individual.

3 A BIBLIOTECA E SUA ATUAÇÃO

Desde os mais antigos séculos, a biblioteca ocupa seu lugar como espaço informativo; atravessando impérios, governos, luta de classes, censura, poder, etc. a biblioteca tem resistido à tentativa de monopólio da informação e atuado como um vínculo essencial ao compromisso de comunicar o conhecimento. Durante algum tempo as bibliotecas se resumiram a um acervo basicamente composto de livros, jornais e revistas, porém as tecnologias de comunicação foram se diversificando, e outras formas de informar surgiram. Assim “as bibliotecas hoje, antes de se identificarem apenas como uma coleção de livros, definem-se como um espaço informativo, pois de fato, sempre foi essa a sua função...” (MILANESI, 2003, p. 107 e 108).

De acordo como o autor, a biblioteca tem a função de informar, isso nos leva a uma expectativa frente ao que pode ser encarado como suporte informacional. Diante dessa perspectiva, tem a biblioteca a possibilidade de informar não só através da palavra escrita (livros, jornais, revistas), mas ampliar seu espaço oferecendo outras formas de comunicar: pela música, pela arte, pelo desenho, pela comunicação oral (no caso da contação de histórias e conversas informais), pelo esporte, pela dança, etc., são maneiras infinitas de se diversificar e dinamizar a sua atuação.

3.1 Bibliotecas Públicas e comunidade: criando vínculos

Sabemos que as bibliotecas, enquanto instituições voltadas para a preservação e a comunicação do conhecimento, sejam elas públicas, escolares, especializadas, comunitárias, etc. têm o papel primordial de atender determinada comunidade. Seu objetivo é prestar serviços e produtos informacionais necessários aos usuários e assim incentivar a aproximação dos mesmos com as bibliotecas. Entretanto, para que elas possam oferecer seus produtos e serviços necessitam conhecer quem seriam esses possíveis usuários, qual comunidade a servir. Suaiden (1995, p. 13), define comunidade como sendo uma “área de vida dotada de certo grau de coesão social”, cujas bases são a sua localidade e consciência de si mesma. Assim uma comunidade é aquela em que seus membros têm em comum não só a localidade, mas, objetivos, idéias, trabalho, etc.

Segundo Almeida Júnior (1997, p. 78) é na “dimensão comunitária”, que o homem realiza e troca experiências, desenvolvendo sentimentos de generosidade, patriotismo,

solidariedade, relações de trabalho, política, etc. Dessa forma é importante que a biblioteca conheça a comunidade à que serve, investigando seus reais anseios e necessidades. Dessa forma se faz necessário que o bibliotecário se envolva na vida da comunidade, trazendo “tanto a comunidade como também uma pequena parcela dessa vida, pra dentro da biblioteca” (*id. Ibid.*). É, pois a comunidade a base, o ponto de partida, o coração de qualquer biblioteca.

No contexto das bibliotecas públicas, elas podem ser percebidas como suportes essenciais a grande demanda da comunidade, pois, em princípio seriam estas bibliotecas que deveriam proporcionar à comunidade, o acesso às informações pertinentes para a resolução de seus problemas e necessidades informacionais. Assim, as ações destas bibliotecas estariam ligadas diretamente a servir aos interesses da comunidade na qual estão inseridas. De acordo com Suaiden (1995, p. 20), uma biblioteca pública “deve constituir-se cada, vez mais em um centro convergente das aspirações comunitárias [...]”, buscando contribuir para o crescimento das suas atividades diárias.

3.1.1 A Biblioteca pública e a Biblioteca Comunitária

Com uma das principais referências no serviço informacional, cultural, educacional, político, social e utilitário, destinados à comunidade, estão as bibliotecas públicas, cujo dever está em nunca se desvincular da realidade desta, participando dos “acontecimentos sociais, políticos, econômicos, culturais, etc., tanto como entidade, posicionando frente a um determinado fato, como também prestando informações sobre esse fato” (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p. 81). Na perspectiva da democratização da informação e do seu livre acesso, se encontra a Biblioteca Pública, Instituição mantida pelo Governo, cujo objetivo está em

difundir o conhecimento, principalmente no que se refere à cultura local, e dentre todos os tipos de bibliotecas é a única que possui realmente características de instituição social, tanto pela amplitude de seu campo de atuação como pela diversidade de seus usuários. É um centro de educação permanente para pessoa. (SUAIDEN, 1995, p. 19-20).

De acordo com o autor, duas são as características de uma biblioteca pública: a amplitude de seu campo de ação, onde os mais variados serviços podem ser oferecidos; e a diversificação de seus usuários, atingindo todas as faixas etárias, níveis sociais, interesses diversos, etc. Porém não há como fugir do pressuposto de que o principal beneficiário dos

serviços de uma biblioteca pública é a comunidade de onde esta se insere. Diante desse aspecto onde ficariam as comunidades que se localizam distantes da biblioteca pública? Como ficam as suas participações no processo de democratização da informação, se estas se mantêm ainda distantes da biblioteca pública? A sua relação com a comunidade, seus pressupostos, suas conquistas e omissões nessa integração se encontram em sua trajetória, onde se é possível observar a carência de uma efetivação maior para aproximar a comunidade de seus serviços.

Conforme Suaiden (1995), a primeira biblioteca pública deu-se não necessariamente pela iniciativa governamental, porém através da iniciativa dos cidadãos. O projeto da biblioteca foi encaminhado por Pedro Gomes Ferrão de Castello Branco, em 5 de fevereiro de 1811, ao Conde dos Arcos, governador da Bahia. A biblioteca foi inaugurada em 4 de agosto de 1811, no antigo colégio dos jesuítas. Posteriormente deu-se a inauguração de outras bibliotecas, como a Biblioteca Pública do Estado do Maranhão, a Biblioteca Pública Provincial, anexada do Instituto Literário Maranhense, etc., por iniciativas dos governos estaduais, novas bibliotecas públicas estaduais foram criadas, como a do Estado de Santa Catarina, Espírito Santo, Paraíba, Paraná, Alagoas, Ceará, Amazonas, etc. Assim a biblioteca pública alcançou algumas conquistas, se multiplicou, se desenvolveu e passou a ocupar um lugar essencial no suporte a pesquisa estudantil, porém a grande massa da população ficou a margem de todo esse “desenvolvimento”.

Apesar dos esforços e tentativas para fortalecer o sistema de bibliotecas públicas, muitos municípios ainda enfrentam muitas dificuldades, dentre elas, financeiras, de planejamento e recursos humanos. Assim tornou-se visível a grande carência de bibliotecas, em termos não só quantitativos, mas, qualitativos, cujos reflexos se configuram na comunidade que carece de informação e conhecimento. A biblioteca pública ainda encontra dificuldades em atingir uma grande parte da comunidade, seja por escassez financeira, seja por falta de motivação do bibliotecário, ou mesmo a falta de um planejamento visando não só suprir as necessidades de estudo e pesquisa, provenientes de sua grande demanda, mas, nas transformações sociais, na formação do prazer da leitura e uso da informação, etc. Em razão disto se faz necessário que os reais serviços de uma biblioteca pública possam se estender a grande comunidade periférica, ainda se encontra distante da biblioteca pública.

Já é o trabalho da biblioteca comunitária, que é hoje, um veículo público que promove extensivamente os objetivos da biblioteca pública, alcançando uma grande parcela da comunidade que fica por vezes à margem dessas bibliotecas públicas, pois o acesso as

essas bibliotecas “consideradas públicas” de direito são por vezes inviáveis, por sua localização estar distante dos bairros periféricos das cidades. Podemos dizer que já conhecemos algumas bibliotecas públicas de alguns estados brasileiros e todas elas são localizadas nos centros das cidades ou então em bairros nobres e, portanto, irreal ao acesso da grande massa da população que se concentra nas periferias, e cujas condições financeiras lhes impossibilita o deslocamento à bibliotecas. Aliados a este problema citamos ainda, a desatualização do acervo, falta de trabalho de marketing e divulgação da biblioteca, por vezes desinteresse do próprio bibliotecário, dentre outras. Corroborando, Figueiredo (1997, p. 2) afirma que

existe assim um distanciamento entre as bibliotecas públicas e sua comunidade específica, que são os moradores da área vizinha ao seu edifício. Ao atenderem estudantes, sempre em caráter precário e excepcional (já que esta não é considerada como missão de biblioteca pública) deixam de atender a comunidade, ou o fazem com uma prestação mínima de serviços.

Todas essas dificuldades têm movimentado a população e organismos não governamentais para o desenvolvimento de projetos contemplando a implantação de bibliotecas públicas dentro dos grandes centros das periferias. Estas iniciativas podem ser em consequência do silêncio da biblioteca pública frente às imposições governamentais e da grande elite, privilegiando a uma pequena parte da população, “esquecendo-se” de se colocar frente às desigualdades sociais e regionais, que a cada dia cooperava e prejudicava o acesso igualitário de informação. Assim, de maneira geral, a biblioteca pública não acompanhou a grande luta dos educadores por uma educação, que visasse à realidade do “povo”. Desta forma, a biblioteca pública

que tradicionalmente sempre esteve ligada a educação, não seguiu essa tendência. Continuou a ser supridora e parte do sistema formal de ensino. Isso pode ser comprovado pela análise da literatura a respeito, que não enfatiza a importância da biblioteca pública na educação popular, quando essa estava no auge. (RABELLO, 1987, p. 28).

De acordo com Rabello (1987) os bibliotecários asoberbados com o grande número de estudantes que procuravam as coleções da biblioteca pública, e sobrecarregada em sua técnica, esqueceram-se de olhar para fora de suas paredes, e perceber o que ocorria do “lado de fora”, perdendo a oportunidade de colocar a biblioteca perto do povo. Pode-se dizer que esta “miopia” contribuiu, de um lado, para a desvalorização e falta de reconhecimento do trabalho do bibliotecário nas bibliotecas públicas e também do papel das próprias bibliotecas

junto à sociedade. Por outro lado, passou-se então a discutir a relação entre biblioteca pública e comunidade, e já era fato o distanciamento de ambos, chegando a uma necessidade urgente de reformulação em sua concepção e ação. Dessa forma, Rabello (1987, p. 32) aborda em relação ao nascimento da biblioteca popular frente ao descaso da biblioteca pública, que esta “surge exatamente como uma alternativa a essa biblioteca, que nunca chegou ao povo”.

Ligada a movimentos associativos ou comunitários, a biblioteca comunitária tem por finalidade trabalhar essencialmente os aspectos ligados à cultura, educação e ao social, articulando-os a estes, a leitura do cotidiano com a troca de experiências, junto ao reconhecimento da realidade de seus usuários incitando-os na busca da conscientização dessa realidade para a reflexão e a crítica. Corroborando, Costa e Andrade (1998, p. 5), “as bibliotecas comunitárias estão entre os organismos capazes de engajar a comunidade nas mudanças de atitude perante a vida, a convivência, os compromissos de pessoa e cidadão.” Dessa forma ao se inserir em uma comunidade carente de informação, a biblioteca comunitária deve atuar de forma dinâmica, driblando impasses no que se refere a esse “desconhecimento” diante do ambiente da biblioteca, revertido em pré-conceitos, medos, indiferenças, etc. por parte da própria comunidade. Na medida em que se torna um espaço dinâmico à biblioteca comunitária cria a possibilidade de aproximar-se de um público novo, alheio ao “mundo da literatura”, porém, rico e ao mesmo tempo carente de informação. Trabalho esse que é desenvolvido pela Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato, que veremos mais adiante, onde se é possível constatar a intensa atuação e preocupação na democratização informacional a uma população sedenta de atividades e serviços que propiciem “educação para cidadania e para a vida” (COSTA, 2005, p. 1). Na mesma linha de pensamento, Milanesi (2003) argumenta que a biblioteca deve apresentar-se como um ambiente agradável.

As pessoas não vão lá apenas porque precisam, mas porque gostam. Se existem os espaços tradicionais do acervo, da leitura, dos serviços - identificados como úteis - deve ser acrescentada uma área equivalente de, vamos dizer inutilidades: locais de convivência, espaço para conversar, namorar, área verde, água, lago - um jardim japonês, por exemplo, e as imprescindíveis carpas. Quebra-se assim, a austeridade sem afeto da biblioteca. (MILANESI, 2003, p. 111)

A Biblioteca ao oferecer outras formas de transmitir o conhecimento, abrindo suas portas a atividades que possibilitem a interação social através da troca de informações utilitárias, do lazer, da arte, etc se posiciona numa nova perspectiva diante da sociedade, que busca a informação e a encontra numa forma dinâmica e interativa aplicada as suas necessidades e experiências. Assim a sociedade passa a enxergar o espaço da biblioteca não

como algo distante de suas necessidades, mas como um lugar necessário e imprescindível as suas atividades diárias.

4 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: DESMISTIFICANDO A SUA ATUAÇÃO

Podemos dizer que as bibliotecas comunitárias surgiram como uma espécie de dissidentes das bibliotecas públicas uma vez que estas últimas não davam conta do atendimento às necessidades informacionais da população habitante das periferias. Contudo, a Biblioteca comunitária só será encarada como um espaço participativo, envolvente e atrativo se sua atuação promover a relação do homem com a sua própria realidade. Assim, fará com que o sujeito descubra na sua realidade interesses comuns a outras realidades, atuando como um ser capaz de interagir socialmente, assim “na medida em que o homem, integrado em seu contexto, reflete sobre esse contexto e se compromete, constrói a si mesmo e chega a ser sujeito”. (FREIRE, 1980, p. 36), sujeito ativo e modificador de sua realidade. Ao oferecer o contato com sua realidade, através de atividades relacionadas às suas necessidades e interesses, a biblioteca comunitária possibilita ao homem o desafio de ser sujeito ativo, consciente de suas decisões e mudanças, agindo e interferindo na sua própria realidade, bem como integrante de realidades externas.

Dentro dessa perspectiva Freire (1980, p. 37) deixa claro

que a resposta que o homem dá a um desafio não muda só a realidade com a qual se confronta: a resposta muda o próprio homem, cada vez um pouco mais, e sempre de modo diferente. No ato mesmo de responder aos desafios que lhe apresenta seu contexto de vida, o homem se cria, se realiza como sujeito, porque essa resposta exige dele reflexão, crítica, invenção, eleição, decisão, organização, ação... todas essas coisas pelas quais se cria a pessoa e que fazem dela um ser, não somente “adaptado” à realidade e aos outros, mas “integrado”.

O homem necessita de um espaço para interagir socialmente, seja em grupos sociais (igreja, família, amigos, escola), seja no caso das crianças, através das brincadeiras, jogos, esportes, etc. enfim, existe uma busca de sentir reconhecido, de compartilhar, de conhecer e criar vínculos. Desmistificando sua atuação, de um espaço estático, indiferente, desconhecido e distante, pertencente somente aos “sábios”, porém acessível aos iletrados, as donas de casa, aos jovens desempregados, as crianças, mesmo aquelas que ainda não aprenderam a ler, etc.; pode a biblioteca se tornar um ícone de socialização, oferecendo a sua comunidade um espaço de múltiplas leituras, possibilitando a descoberta do mundo do conhecimento através de serviços utilitários que se aproximam primeiramente do universo da comunidade a qual serve. Porém, isto somente pode se tornar realidade a medida que o povo

tiver acesso à inúmeras fontes de informação e que estas fontes venham atender aos seus anseios, pois como bem argumenta Suaiden (1995, p 66)

nos adverte que ao vincular-se e dar prioridade a uma única fonte de informação/conhecimento (o livro) e a um só tipo de serviço (a leitura), que depende da fonte antes indicada, a biblioteca pública deixou de atender a importantes setores da comunidade, os quais precisam de informação oral ou de natureza popular que na maioria dos casos não se encontra impressa nem registrada em livros.

Com isso a biblioteca comunitária tem contribuído para uma interação e vinculação direta com a comunidade a qual serve, proporcionando-lhe atividades relativas aos seus reais anseios. Neste sentido, a imagem de uma instituição “sagrada”, onde supostamente, somente a elite intelectual estudantes, universitários, pesquisadores, professores, etc., têm acesso aos seus serviços. Sendo assim, torna-se um espaço onde qualquer indivíduo sinta-se livre para adentrar em suas portas, sabendo que encontrará o que necessita e busca, seja diversão, leitura, bate-papos, cursos, encontrar com os amigos, ou simplesmente para “passa o tempo” folheando as páginas de um livro, observando figuras e formas. Contribuindo Almeida Júnior (1997, p. 80), afirma que muitas pessoas estão distantes da biblioteca, não por desinformação, mas por medo, uma vez que a biblioteca não faz parte do cotidiano das pessoas, então ela é percebida

[...] como um templo, um monumento cheio de livros e alfarrábios que poucos entendem, pois o próprio livro é mal conhecido. Ela é vista como um lugar frio, sem vida, onde impera o silêncio, rigidamente controlado por uma velhinha de coque na cabeça, óculos na ponta do nariz (ou pincenez, quem sabe) que apenas lê e responde as perguntas com gestos vagos e autoritários. Onde todos lêem e nada mais há a fazer do que ler. A biblioteca é vista como um lugar onde nada deve ser perguntado, sob pena de se cair se cair no ridículo. Um lugar onde os pequenos problemas banais não são nem menos considerados.

Uma biblioteca que se compromete em fazer de seu espaço um ambiente encantador, que atrai seu público se fazendo útil aos seus interesses, problemas e necessidades, tem a capacidade de ser um instrumento de difusão, da cultura, do social e da educação. E como componente dessa difusão encontra-se o bibliotecário, trabalhando no processo de produção, organização, disseminação e socialização do conhecimento.

4.1 O Bibliotecário e a biblioteca comunitária

Têm se discutido bastante em congressos, encontros universitários, etc.as relações do profissional bibliotecário, sua postura e atuação frente à perspectiva das diversas formas de informar e comunicar o conhecimento. Essas discussões têm levado os profissionais da informação a procura um contato mais íntimo com o público ao qual servem, buscando nas práticas sociais um meio para interagir, participar e intervir na formação intelectual, cultural, política, e social de sua comunidade, ao inserir a informação, possibilitando uma comunicação clara e objetiva entre bibliotecário e comunidade, estimulando o ato de refletir, criticar, questionar, através das informações transmitidas por meio das diferentes formas de leituras trabalhadas por este profissional. Corroborando Souza no diz que

já faz algum tempo que o sentimento de incômodo social e humano persegue os profissionais, especialmente aqueles que integram os grupos ocupacionais mais fortemente ligados às chamadas áreas sociais. Também atinge os bibliotecários, uma das categorias profissionais cuja função básica, divide-se em, pelo menos, três ações: processar, produzir e difundir informação.

Esse incômodo produz uma grande movimentação nos bibliotecários, quando se deparam perante uma comunidade cuja difusão não se limita a oferecer somente um livro, mas agir socialmente relacionando elementos que servirão como elo de integração entre a leitura e prática, inserindo primeiramente atividades relacionadas ao seu cotidiano, visto que o livro ainda é visto como algo alheio à prática do dia-a-dia. É preciso ter um olhar profundo e perceptivo para iniciar o mundo da leitura, reflexão e crítica diante de uma comunidade carente de direitos, de atendimento às necessidades triviais, à educação, saúde, moradia, etc. Neste sentido, cabe ao bibliotecário trabalhar o contexto de sua comunidade com atividades que possam inicialmente estimular a criatividade e desejo de conhecer, e através de práticas sociais, levar o conhecimento, possibilitando a comunidade, a capacidade de transformá-lo e adaptá-lo as necessidades e interesses próprios. Porém, devido ao fato de que cada comunidade difere em alguns aspectos, cabe ao bibliotecário o discernimento de como atuar e agir diante das carências informacionais, atuando com a postura de um educador, preocupando-se com a maneira de transmitir a informação e o resultado a ser alcançado por meio de sua atuação.

4.1.1 O Papel do bibliotecário: do “guardião de livros” a educador

Com as características únicas e diferentes de cada comunidade faz-se necessário um profissional bibliotecário seletivo, dinâmico, criativo e participativo, alguém capacitado, não somente para “guardar livros”, como a sociedade o percebe, mas em organizá-los e entendê-los, comunicando seu conteúdo de forma diversificada, relacionada com a melhor maneira de transmitir esse conteúdo a seus usuários. É preciso ter em mente que

o Bibliotecário não é um guardador de livros. Nós não estamos nas bibliotecas para ‘tomar conta’ dos livros (expressão que me paralisa). Paradoxalmente, estamos nas bibliotecas para garantir a circulação de livros e o enriquecimento coordenado das coleções constitui o cerne da questão. Por mais que doa, bibliotecário pode ser qualquer um desde que possua o entendimento de que aqueles livros, muito embora patrimônio coletivo, não são os seus livros; de que mais vale usar e gastar aqueles livros do que impedir que os mesmos sejam tocados (i.e. profanados); de que aqueles, para serem utilizados, implicam uma organização; e de que os livros têm função social e cultural de valor inestimável, residindo o seu interesse única e exclusivamente no uso que lhes possa ser dado (CABRAL, 1996, p. 42).

No Brasil, até pouco tempo atrás o discurso do bibliotecário se voltava para a valorização da técnica acima de tudo e qualquer coisa; rejeitavam o papel social e a função educativa, a sociedade por sua vez desconhecia esse profissional que se mantinha enclausurado nas “masmorras” das bibliotecas em sua técnica passiva, cada vez mais distante do contato com uma sociedade que clamava informação e por um profissional presente às suas necessidades de leitura, de discursões, pesquisa e estudo. Essa sociedade não só desconhecia o bibliotecário, mas ignorava a biblioteca por vê-la distante de sua realidade, pois aquele que poderia “quebrar o silêncio” e guiá-la desmistificando a biblioteca de “templo sagrado” a um lugar de construção e aprendizado; um lugar atraente e receptivo, ainda se mantinha atrás dos muros do castelo. Aos poucos e com muito sofrimento, pois era preciso quebrar paradigmas e romper com o tradicionalismo, este profissional vem atuado para modificar o seu perfil aliando sua prática profissional ao relacionamento com a realidade social, política e econômica, na comunidade em que se insere, utilizando o seu objeto de trabalho, a informação, e a socialização desta para democratizar a sua inserção no seio desta comunidade. Corroborando, Cysne (1993) nos diz que

deve ser desenvolvida uma prática cujo objetivo maior seja a difusão do saber produzido e sistematizado, de modo a garantir à população o acesso aos conhecimentos necessários à solução dos problemas do seu dia-a-dia, à elevação de seu nível cultural, de modo que possa o bibliotecário participar mais ativamente das decisões sociais, buscando-se resgatar o conceito e a prática da cidadania. Convém

relevar que tal prática tem em conta a informação como um dos bens sociais que pode contribuir e até provocar, em meio a outros grupos sociais, a transformação da sociedade. (CYSNE, 1993, p. 21).

Tendo em vista o clamor da sociedade e o poder de sua atuação o bibliotecário tem feito mudanças no seu perfil e, procura aliar ao seu trabalho, a dimensão social e educativa. Com esta atitude busca derrubar antigos estereótipos de “guardião de papéis empoeirados e fichas amarelas e sentado atrás de um balcão sempre de mau humor, ao lado do famoso cafezinho e com uma palavra sempre a ajudar: Psiu!”. Atualmente, o bibliotecário sofre uma transformação essencial ao desenvolvimento da profissão e da própria sociedade. De acordo com Castro

a mudança da imagem do bibliotecário humanista, conservador, imperfeito para progressista e moderno dava-se à medida que este não se preocupava somente em adquirir livros e pô-los em ordem, mas o seu interesse maior era que todos os materiais existentes na biblioteca fossem lidos e consultados. (CASTRO. 2000, p.121).

Com a preocupação do bibliotecário em não somente disponibilizar a informação, mas se incomodar se esta estar sendo bem aproveitada por sua comunidade, refletindo e avaliando sua forma de trabalho, seu grau de atuação em contribuir para um melhor desenvolvimento dessa informação diante da necessidade de seus usuários, é percebido um profissional capaz de enxergar além das aparências ou de um “balcão de empréstimo”, cujo olhar se volta para um educador e não somente um repassador de informações. Esse perfil caricato do bibliotecário, de apenas um repassador de informações trouxe uma marca negativa na imagem desse profissional, prejudicando o desenvolvimento da profissão e conseqüentemente a sua aceitação diante de outros profissionais e da sociedade. Porém esse profissional se vê diante de uma mudança urgente, necessária a responder o rápido desenvolvimento e proliferação da informação onde se faz imprescindível a sua presença e atuação, apreendida nos anos acadêmicos e práticas profissionais. Um profissional capaz de entender as características e os anseios da comunidade a qual serve, modelando sua prática e atuação visando a melhor apreensão, aprendizado e relação da informação a ser transmitida e partilhada.

4.1.2 Bibliotecário e Comunidade: relação social

A relação social entre bibliotecário e comunidade se dar na medida em que o primeiro busca possibilidades de interagir com o segundo na perspectiva do universo no qual esse profissional se insere, ou seja, é considerando a educação, cultura, gostos, hábitos etc da comunidade que o bibliotecário atua contribuindo de forma significativa no crescimento e desenvolvimento desta. Assim, deve o profissional bibliotecário atuar de maneira a atingir o maior número de membros de uma comunidade, procurando estreitar a sua comunicação mediante o trabalho como os diversos segmentos de uma comunidade: faixas etárias, escolaridades, etnia etc. Trabalhando não só os suportes físicos existentes na biblioteca, mas, também a promoção de palestras, cursos, exposições, eventos, debates etc. o bibliotecário “propicia uma atividade em grupo cujos resultados são tão ou mais importantes que as pesquisas ou consultas individuais”. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b, p. 115). Por meio dessas atividades informações não somente são repassadas, mas, podem ser discutidas e debatidas, participando assim estudantes, leitores assíduos, crianças, e analfabetos.

Segundo Rabello, citado por Almeida júnior,

é preciso que o bibliotecário, enquanto agente, se coloque diante das camadas populares como incentivador, um catalisador e não como alguém que exerça algum tipo de dominação. Dominação traduzida, por exemplo, em direcionar a biblioteca para determinados serviços ou prioridades (RABELLO, 1987 apud ALMEIDA JÚNIOR, 1997b, p. 122).

Corroborando com o autor, é preciso tornar a biblioteca atrativa na medida em que se priorizem não as necessidades da biblioteca, mas, que o bibliotecário volte o olhar para as reais carências de sua comunidade, não adaptando esta a biblioteca, porém, modelando a biblioteca e suas atividades aos interesses de seus usuários. Assim a BCML vem atuando na tentativa de trabalhar junto a sua comunidade envolvendo seus usuários nas mais variadas atividades, priorizando as necessidades dos mesmos, respeitando as diferenças e gostos, levando sempre em foco a participação e interferência da comunidade como referência principal para o gerenciamento de seus serviços. Para isso é necessário um profissional atuante e preocupado com o seu fazer diante do alcance da sua prática, aproximando-se cada vez mais por meio dos serviços, atividades, e as relações destes com a rotina e afazeres da comunidade. Mediante essa atitude Cabral (1996, p. 40-41) afirma que

um bom bibliotecário não é forçosamente um técnico, embrenhado em polêmicas de vírgulas (ah! Mafarricas!), pontos e traços. Um bibliotecário também não é aquele que se esconde por trás da sua secretária, de preferência em gabinete bem longe do contato direto com os leitores, ilusoriamente defendido por pilhas de livros aguardando ansiosamente o momento de serem colocados nas estantes ao alcance da consulta dos leitores mais exigentes. Não, o bom bibliotecário esta imagem de “rato de biblioteca” e procura, pelo contrário, responder as questões posta pelos leitores, satisfazendo os seus pedidos convicto de esta de que um leitor bem servido é a melhor publicidade que qualquer biblioteca pode ambicionar.

Um bom bibliotecário estende a sua prática em prol de um objetivo que é informar, levando o conhecimento seja em que suporte for: livros, conversas, palestras, esportes etc, a comunidade. É aí que se dar o seu relacionamento social com sua comunidade, onde longe de uma neutralidade, se interpõe como um facilitador das diversas leituras das ações que uma biblioteca pode alcançar.

4.1.3 Bibliotecário - leituras - biblioteca: o que muda?

O bibliotecário ao se relacionar com a comunidade, atua por meio de ferramentas, dentre as quais a leitura tornou-se imprescindível na ploriferação da informação e no desenvolvimento social desta. Conforme Portela Cysne

atuar como bibliotecário significa entender competência técnica através do domínio de um saber específico e da aquisição de habilidades com vista à promoção, integração e intervenção do indivíduo e da coletividade – através do acesso ao saber produzido e sistematizado, dentro de uma visão de que sua prática deve ser integrada ao contexto social mais amplo – para que o profissional tenha uma consciência da extensão social do seu trabalho (CYSNE, 1993, p. 133).

É, pois, através da inserção e prática das diversas leituras, que pode o bibliotecário criar vínculos estreitos com sua comunidade, interferindo, e agindo como um agente motivador de uma mudança social. Ao se relacionar com a comunidade o bibliotecário favorece a troca de experiências, discursões relativamente voltadas ao ambiente e interesses da comunidade por meio de atividades cujo objetivo se volta para uma prática onde se é possível envolver a comunidade na leitura do cotidiano.

O profissional deve atuar como uma ponte entre a informação e seus usuários, favorecendo o trabalho com a prática de se ler não somente livros e/ou revistas, mas, também ler as mais variadas informações que estes recebem, pela televisão, rádio, conversas informais, anúncios etc. Agindo assim, este profissional busca estimular o prazer e a importância de interpretar o que recebe, entendendo os porquês de tais mensagens, bem como

a sua utilização em adaptar e transformar informações em conhecimento, para o seu benefício, e de outros. Assim,

[...] o clássico triângulo literário – autor, crítico e leitor – exige a existência de uma quarta figura, nem sempre suficientemente reconhecida, em seu valor intrínseco e não simplesmente acidenta. Essa figura [...] é o bibliotecário. Sua função não é apenas instrumental. É igualmente participante da função criadora da literatura. / e ele / deve / ter consciência de que sua tarefa, longe ser apenas catalogadora, é uma tarefa paracriadora, que completa a ação do autor, do crítico e do leitor (TRISTÃO DE ATAYDE, 1982 apud CYSNE, 1993, p. 40).

É a partir desse trabalho que o bibliotecário contribui de forma efetiva em criar possibilidades para que seus usuários adquiram o direito da cidadania, compreendam seus direitos, para poderem lutar por eles, conheçam também seus deveres, aprendendo a ter responsabilidades e compromisso com o desenvolvimento de sua comunidade, de sua cidade e de seu país. É conscientes de seu papel sócio-histórico, cultural e político, que é capaz de operar mudanças significativas não só em sua realidade, mas, entender que a sua realidade está intrinsecamente ligada a outras realidades, mudando assim as coisas ao seu redor.

5 A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA MONTEIRO LOBATO (BCML)

A Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato é uma instituição mantida e idealizada pela Ong intitulada: Resgate de valores pela arte (REVART). A REVARTE é uma Instituição de utilidade pública, sem fins lucrativos e de caráter filantrópico, regida por estatuto social próprio (em anexo), como uma constituição da sociedade civil, tendo como finalidade o incentivo à cultura. Foi iniciada no dia 05 de janeiro de 1999, em uma assembléia geral, cujos feitos se deram na eleição de sua diretoria e conselho fiscal, bem como na aprovação do seu Estatuto social, tendo como Presidenta inicialmente a Sra. Alice Domonech Tupinambá. Hoje a BCML está sob a coordenação da Sra. Lúcia Cardoso, bibliotecária, e amante da leitura.

A BCML tem sua sede social na rua Salvador Correia, nº 465, Conjunto Alvorada, distrito de Água Fria, Fortaleza - CE. Em Abril de 1999, nasce a BCML, incorporando às atividades da REVARTE, que já contava com um coral, aula de flauta, violão, bordado, crochê, artesanato e teatro. Com a criação da biblioteca, que passava agora a ser sede da própria REVART, esta passou a “abraçar” atividades já existentes aliando ao ato de contribuir e desenvolver leituras a partir de tais atividades, promovendo uma biblioteca dinâmica e criativa que atendessem as necessidades de sua comunidade.

O acervo da BCML está dividido em: Acervo Geral, onde estão os didáticos e os de cultura em geral; Setor de Referência; Literatura Infantil e Juvenil; Literatura Brasileira e Estrangeira; Poesia e Teatro; dados sobre Fortaleza e Ceará; Revistas, com destaque para os Gibis Infantis; pastas de Datas Comemorativas e de Assuntos Atuais, como artigos de jornais e revistas. Tentando dessa forma atingir o mundo dos leitores que a freqüentam e buscando cada vez mais ganhar adeptos a essa prática, refletindo com um inquietação sobre o seu fazer. Assim, seguindo essa perspectiva e de acordo com Costa (1998), uma biblioteca comunitária parte do princípio de trabalhar seus recursos, meios e mecanismos para a inserção da leitura, onde as informações disseminadas corroboram para o entretenimento e lazer. Esta vem a atuar como instrumento de reflexão, de discursões de idéias, como também do trabalho coletivo e criativo, onde o fim é a geração de transformações.

É buscando atingir esse objetivo que a BCML tem procurado atuar junto a sua comunidade contribuindo por meio de atividades que levem a comunidade a reconhecer na leitura, formas diversas e criativas, de explorar esse ato.

Assim, a BCML por meio das oficinas de desenho e pintura, e literatura e desenho, aflorara a imaginação de seus leitores transformando o que se ler nos livros, revistas e gibis, em desenhos e pinturas, cujo resultado pode ser percebido nas próprias paredes da biblioteca. Nessas paredes se percebe a contribuição da comunidade à medida que insere e partilha suas leituras em forma de arte nesse espaço, mostrando, assim, que esse espaço possibilita múltiplas leituras. Isto significa produção de sentido para os textos lidos. É uma reescritura do receptor. É um significado que vai além da mera leitura. Veja o resultado nas figuras 1-4:



Figura 1 - Desenho de animais
Fonte: BCML



Figura 2 – Desenho “Mãe Ganso e seus filhotes”
Fonte: BCML



Figura 3 - Desenho “Alice no país das maravilhas”
Fonte: BCML



Figura 4 – Desenho “A Bela e a Fera”
Fonte: BCML

A BCML vem atuando também no incentivo ao esporte, com a prática do judô, cuja finalidade é proporcionar recreação, e convívio social, ensinando disciplina,

responsabilidade, contribuindo com a auto-estima, em que competitividade e coletividade caminham juntas. Esse projeto também se estende fora dos muros da biblioteca, permitindo aos seus participantes atuarem em competitividades extras, como os torneios, favorecendo a inclusão social, com outros judocas. Nas figuras 5 – 6.



Figura 5 – Turma do judô
Fonte: BCML



Figura 6 – Inclusão social por meio de torneios
Fonte: BCML

Existe também na BCML, espaço para a ludoteca, onde as crianças se divertem, em meio a brinquedos educativos, estimulando o lúdico e a interatividade. É um espaço destinado às suas literaturas, onde desenvolvem suas leituras individuais, bem como coletivas com acompanhamento dos contadores de histórias. Nesse espaço as crianças entram em contato com o mundo das histórias dos escritores, em um ambiente agradável, cercado de histórias literalmente vivas por todos os lados. É a biblioteca como meio que faz a mediação entre o saber oficial e a experiência da comunidade. É a biblioteca como instância produtora de bens simbólicos, como dispositivo que ajuda na construção de sentidos para a vida. Veja as figuras 7-9:

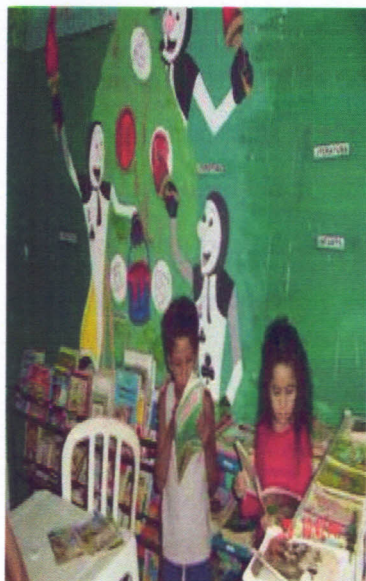


Figura 7 - Espaço infantil para a leitura de livros, gibis etc.
Fonte: BCML

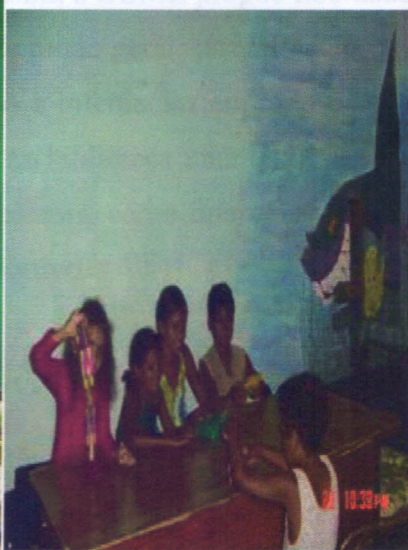


Figura 8 - Ludoteca
Fonte: BCML

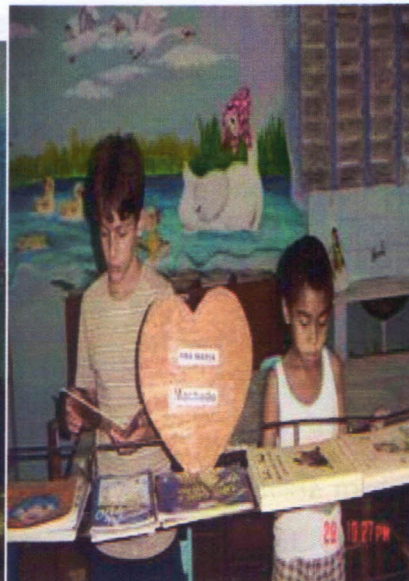


Figura 9 - Espaço Ana Maria Machado
Fonte: BCML

Além das atividades supra citadas a BCML também se propõe a trabalhar a arte, por meio da música, afluindo a sensibilidade através dos instrumentos musicais, com as oficinas de flauta e violão, permitindo a inclusão de adultos, adolescentes e crianças. A Biblioteca ainda oferece oficinas de teatro, coral, dança e recreação.

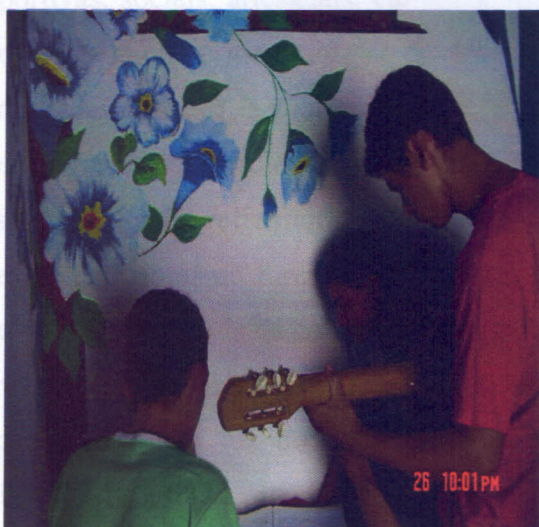


Figura 10 - Oficina de violão
Fonte: BCML

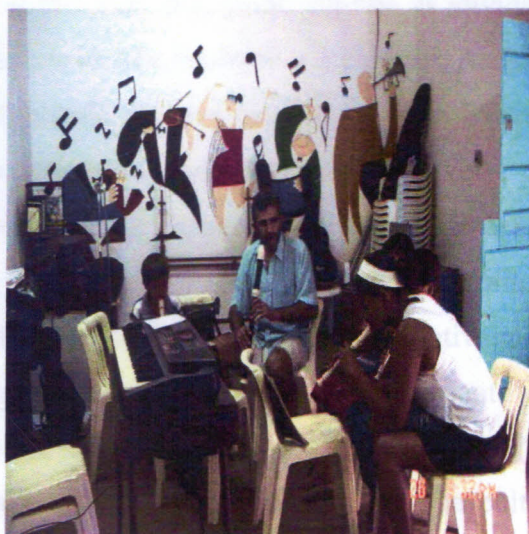


Figura 11 - Oficina de flauta
Fonte: BCML

Ao propor todas essas atividades, se percebe que a Biblioteca se transforma, e amplia seu espaço, oferecendo inúmeras possibilidades de leituras e outras formas de

comunicar a informação. Assim, a BCML propõe liberdade e autonomia aos seus usuários em particular e à comunidade de modo geral, fazendo com que os sujeitos possam descobrir seus dons e talentos, suas leituras e inferências em todo o processo de constituição deste espaço. Assim a comunidade sente na biblioteca uma extensão do lar e da escola, onde podem tanto trabalhar suas pesquisas escolares, como interagir e exercer a solidariedade e comunhão em um espaço democrático e coletivo.

5.1 A BCML e suas diversas leituras

No processo de inserção da leitura, promovendo a descoberta dessa mediante as práticas exercidas, e como elemento integrante no desenvolvimento social, cultural e educacional, a BCML favorece o exercício da cidadania a partir das atividades e serviços oferecidos aos seus usuários. Por meio de ações direcionadas a reflexão, leva estes sujeitos a repensarem as atividades rotineiras, e a exercerem atitudes conscientes diante das ações que praticam, no desenvolvimento de esportes, artes manuais, dos livros que lêem, da conversas pelo corredor etc. Dessa forma a cada ato, a cada movimento tem-se uma leitura, uma reflexão, onde se relacionam a cultura, a educação, com o que se “lê”, e como essa leitura pode ser transformada e transformar as ações cotidianas.

Os usuários da BCML têm a oportunidade de desenvolverem atividades esportivas, sociais, artesanais, culturais, educativas etc, esta atua como suporte as atividades escolar, bem como integrante no desenvolvimento intelectual, recreativo e cultural. Assim ao praticarem esportes, a biblioteca oferece a oportunidade de seus usuários desenvolverem o domínio próprio, a coletividade e trabalhem a competitividade de forma saudável e com responsabilidade, refletindo a partir de como seus atos são capazes de alterar situações, ou mesmo contribuir de forma positiva, bem como negativa ao grupo. Ao ler uma história, ou mesmo ouvir, através da contação, as pessoas podem refletir individualmente e coletivamente, através de dinâmicas de grupos, recebendo e trabalhando informações, enquanto são repensadas sob a luz do contexto de suas realidades. Na prática das ações culturais, a cidadania é amplamente desenvolvida, ao levarem todos ao conhecimento de sua cultura, identificando a importância de se conhecer a si, a comunidade, ao bairro, a cidade etc, para revelar a intervenção e participação do povo no processo cultural. Dessa forma

os trabalhos vinculados ao resgate da história de uma comunidade, da sua memória, permitem àqueles que vivem dentro daquele espaço, a consciência e a certeza de que aquela área, aquela região foi e está sendo construída por eles, implicando no

reconhecimento da sua interferência no processo histórico e da existência de uma cultura particular, pertencente àquela comunidade, embora não identificada de forma isolada, mas carregada, impregnada e permeada de 'outras' culturas. O importante é que cada pessoa perceba que a sua comunidade tem história e ele é co-participante de sua feitura. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b, p. 117).

Assim a BCML preocupa-se não só em desenvolver a leitura da palavra, mas também do que há por trás desta, dos gestos e das ações, instigando seu usuário a ir bem mais longe em suas leituras diárias, através da ação-reflexão. Conforme Badke citado por Almeida Júnior (1997), a biblioteca comunitária deve ser um espaço vivo, em que denomina de "biblioteca-viva", isto é, pretende-se fazer desse lugar

um centro de debates da comunidade local, e de outras, onde seriam oferecidos palestras, seminários e cursos, além de servir de local para toda e qualquer reivindicação dos moradores. Paralelamente, o gosto pelos livros iria se desenvolvendo nas pessoas. Assim, a biblioteca seria dinamizada de forma a se tornar o núcleo irradiador das práticas culturais do bairro e elemento agregador dos membros da comunidade. (BADKE, 1984 apud ALMEIDA JÚNIOR, 1997b, p. 104).

A biblioteca comunitária deve atuar dinamicamente na busca de envolver a comunidade a participar das atividades a que oferece, primando o trabalho cujas características circulem desde a educação ao lazer. Nessa perspectiva a BCML desenvolve o prazer de ler associado às atividades pela quais seus usuários obtêm acesso a informações cujo fim será um trabalho em que a biblioteca interaja mediante a participação ativa da comunidade a qual serve, propiciando a esta o caminho da conscientização de que suas ações atuam na contribuição e transformação da realidade a qual se encontram.

5.2 A mediação na BCML: Trabalhando a cidadania

A BCML através de seus serviços e atividades visa a suprir a real necessidade de sua comunidade, a informação. Para tanto, busca em suas ações o trabalho exaustivo contemplando as suas necessidades de direitos, deveres, educação, o contato social, estimulando a sua inclusão na criação de idéias e na construção e modificação consciente das atividades diárias. Dessa forma a atuação da BCML, na comunidade do Conjunto Alvorada tornou-se essencial no exercício da cidadania, promovendo por intermédio de suas atividades, suprir o fosso existente entre a comunidade de classe média e/ou baixa etc e a biblioteca. Neste contexto, busca mediar as necessidades de informação dos membros da comunidade

através da democratização dos serviços bibliotecários e da oferta de informação. Com suas ações práticas a BCML vem desmistificar

[...] o tratamento elitista que sempre priorizou o serviço da biblioteca pública, ao atender exclusivamente os habitantes do centro da cidade, deve dar lugar para o atendimento, ou a palavra, aos chamados “não públicos”, que são as populações suburbanas ou rurais, que não tem noção de cidadania, não conhecem seus direitos e deveres na sociedade, e que até pouco tempo eram chamadas de minorias, mas hoje, em termos quantitativos, atingem metade da população brasileira. (SUAIDEN, 1995, p. 10-11).

Assim, é essa comunidade, que em posse da informação, atuará de forma mais participativa e consciente de seu papel na sociedade, como modificadora e autora, de seus direitos e deveres, diminuindo as desigualdades e aumentando a qualidade de vida. É pois através da informação, trabalhada na BCML, por meio da prática de suas diversas leituras ali desenvolvidas, conforme Targino (1991), que possibilita a comunidade atuar, de forma legítima e coerente, conquistando o status de cidadão.

Nesta perspectiva as práticas de leituras desenvolvidas por meio das atividades dirigidas pela BCML, através dos livros, das atividades culturais, de contação de histórias, da prática de esportes etc objetiva propiciar aos seus usuários através da informação contida, não somente nos livros, mas nas “entre linhas” das ações sociais que ali são vividas, resgatar a dignidade pessoal e integrá-los ao seio da sociedade na medida em que atuam como elementos transformadores e construtores de seus atos e das coisas ao seu redor. Corroborando, Targino (1991) nos diz que a informação é um direito de todos, e que como bem comum atua como fator de integração, democratização, igualdade, cidadania, libertação e dignidade pessoal. Onde sem a informação não pode haver o exercício da cidadania, pois é esta que favorece ao cidadão reconhecer seus deveres, conhecer e usufruir plenamente de seus direitos. Neste sentido, o papel da BCML ao exercer atividades que proporcionem aos seus usuários o conhecimento não só dos livros, mas, das relações sociais, pelas trocas de experiências e do convívio em sociedade, utilizando-se de seu conhecimento de mundo já adquirido, atuando em “um processo sistemático de formação intelectual e moral do indivíduo” Rocha (2000, p. 40), onde se dá a construção de sua dimensão enquanto cidadão.

6 METODOLOGIA

O estudo em lide caracteriza-se como uma pesquisa de natureza exploratória, que tem a finalidade de desenvolver ou esclarecer conceitos e idéias, visando o esclarecimento do estudo de diversas leituras e suas modificações na realidade, para uma abordagem posterior mais aprofundada. De acordo com Gil (1999, p. 43) “as pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. Corroborando com o autor, não temos a intenção de identificar os “porquês” das mudanças ocorridas na realidade, apenas mostrar a leitura como agente transformador, contribuindo para uma visão mais esclarecida, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados.

Dentro da pesquisa exploratória trabalhamos a pesquisa participante, que segundo Boterf (1984, p. 72) busca não somente desencadear ações suscetíveis de melhorar as condições de vida de determinada comunidade, mas “também desenvolver a capacidade de análise e resolução dos problemas que enfrentam e convivem cotidianamente”.

O campo de pesquisa é a Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato na comunidade do Conjunto Alvorada no distrito de Água Fria em Fortaleza. A escolha deste local deu-se em razão de esta biblioteca ter um trabalho de atuação constante referente aos aspectos citados anteriormente, facilitando a inserção e aplicação do desenvolvimento das atividades de leitura. A BCML mantém um vínculo com a sua comunidade trabalhando a leitura sobre várias vertentes, inserindo atividades paralelas, como esporte, dança música, artes manuais etc., de forma a trabalhar o interesse, necessidade e lazer, intrinsecamente envolvidos com a importância e o prazer da leitura. Essas atividades paralelas convidam a comunidade a adentrar em um mundo de descobertas de significados, muitas vezes inconscientes, no mundo da leitura, estimulando diariamente a sua prática.

Entendemos que o método dialético seria o mais adequado a nossa pesquisa, pois, “a dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas culturais etc.” (GIL, 1999, p. 52). Dessa forma, procuramos dialogar com os leitores, a fim de colher dados e ações, tornando a comunidade da BCML participante deste processo. Foi nesta perspectiva que adentramos no espaço desta Biblioteca, buscando subsídios e procedimentos que serão

analisados nesta pesquisa, através de uma estrutura coletiva, participativa e ativa entre pesquisador e participantes do problema de pesquisa, através da coleta dados, reconhecendo a participação dos usuários da biblioteca na contribuição dos dados colhidos.

A presente pesquisa identifica que os objetos são sujeitos sociais também, e que estão em processo de transformação, onde constantemente influenciam e recebem influências externas provindas da realidade. Pretende-se então, mostrar nesse trabalho as contribuições da Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato em sua relação com seu usuário proporcionando espaço para o desenvolvimento social, cultural, educacional, político e de entretenimento, estimulando a consciência de cidadania e de ator socialmente comprometido com sua realidade, capaz de oferecer contribuições a esta.

Para a coleta de dados utilizamos a técnica de observação não participante, pois segundo Richardson (1985, p.260) trata-se de “ uma técnica indicada para estudos exploratórios, considerando que ela pode sugerir diferentes metodologias de trabalho, bem como levantar novos problemas ou indicar determinados objetivos para a pesquisa” associada a um diário de campo. Utilizamos também questionários contendo questões abertas e fechadas. De acordo com Richardson (1985, p. 193)

[...] As perguntas fechadas, destinadas obter informações sócio demográfica do entrevistado (sexo, escolaridade, idade etc.) e respostas de identificação de opiniões (sim - não, conheço - não conheço etc.) e as perguntas abertas, destinadas a aprofundar as opiniões do entrevistado. Por exemplo: Por que não gostaria de conhecer? Etc.

Foi utilizada a amostragem por conveniência, onde se constitui um método com menos rigor estatístico, indicado principalmente nos estudos exploratórios ou qualitativos, em que o elevado nível de precisão não é requerido. Esta permite que o pesquisador selecione “os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma, representar o universo”. (GIL, 1999, p. 104). Assim, estabelecemos aleatoriamente uma amostra de 24 sujeitos.

7 ANÁLISE DOS DADOS

A partir das respostas obtidas passamos a analisá-las e interpretá-las à luz dos problemas e dos objetivos da pesquisa. Para tanto, os dados foram estruturados em quatro grandes categorias: Caracterização e interesses dos usuários; percepção da BCML como espaço de socialização da comunidade; percepção dos espaços de leituras pelos usuários da BCML, e contribuição da BCML para a transformação social a partir das ações realizadas junto a comunidade.

a) Caracterização e interesses dos usuários

Em relação à caracterização dos usuários da BCML e de seus interesses constatamos que a maioria encontra-se na faixa etária entre 5 a 15 anos, ou seja, seu público se enquadra no perfil infante juvenil, conforme apresentado no gráfico-1.

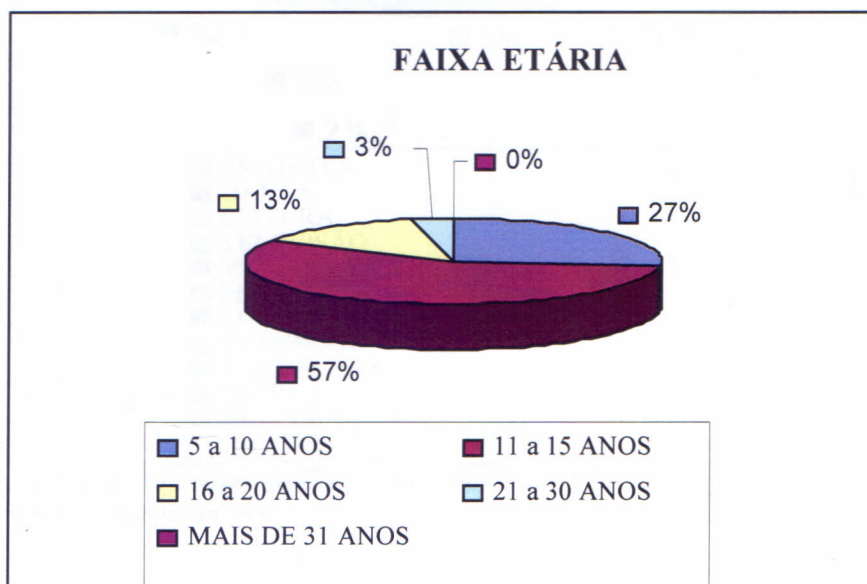


Gráfico 1 - Idade dos usuários da BCML

Fonte: Pesquisa *in loco*

Estas respostas de certa forma nos surpreenderam, pois, a partir de nossas observações empíricas construímos um pressuposto era de que o público adolescente não tem costume de freqüentar bibliotecas. Entretanto, de imediato percebemos que se isto ocorria na BCML, certamente estava associado às inúmeras atividades oferecidas por esta biblioteca e que vêm ao encontro dos anseios de seu público alvo.

Em nossa pesquisa, buscamos também conhecer os interesses dos participantes a fim de cruzar suas respostas aos serviços oferecidos pela BCM, pois nas inúmeras literaturas biblioteconômicas feitas ao longo do curso, ficou patente que independente do tipo de biblioteca, seu objetivo maior é atender as necessidades de seu público alvo, então ela pode ser percebida como espaço de inúmeras leituras. A maioria 26% afirmou interessar-se por esportes, seguindo-se desenho 14%, conversar com amigos 12%, namorar 11%) e leitura 10%.
Veja-se o gráfico -2:

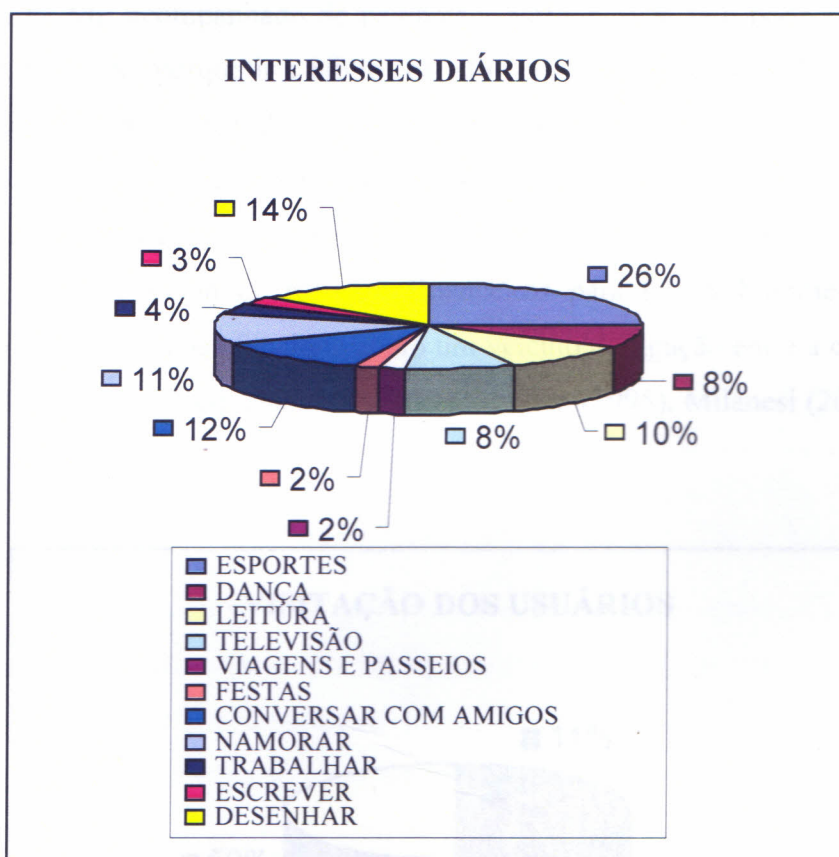


Gráfico 2 - Interesses diários dos usuários da BCML

Fonte: Pesquisa *in loco*

É possível detectar por meio do gráfico -2 que esse grande público freqüentador da BCML, possui interesses diversificados e busca atividades recreativas, vinculadas ao aspecto social. Porém o que nos surpreende é o interesse pela leitura e desenho, visto que em nossas práticas temos observado empiricamente que, estas atividades não constam das práticas do cotidiano de jovens na faixa etária dos 11 aos 15 anos. Talvez esses resultados tenham sido em razão de que a BCML oferece em suas práticas cursos de desenho e atividades de leitura para seus usuários. Então, será que o interesse por tais atividades já

existia entre os participantes da pesquisa ou passou a ser despertado após o contato com a BCML?

b) Percepção da BCML como espaço de socialização da comunidade

Ao analisarmos a percepção dos usuários em relação à biblioteca em geral e particularmente com a BCML, percebemos, por meio do gráfico-3 que os usuários não possuíam intimidade com o ambiente da biblioteca, pois a maioria do público veio pela primeira vez a BCML acompanhado de parentes e amigos. Este fato pode ser analisado de duas maneiras. Primeiro, porque ir a biblioteca não fazia parte da cultura dos sujeitos, sendo um ambiente estranho à sua realidade. Segundo, porque os sujeitos da pesquisa são pessoas carentes e as Bibliotecas públicas existentes em Fortaleza são localizadas no centro da cidade. Portanto, seu acesso demanda deslocamento dos sujeitos que, na maioria das vezes habitam nas periferias e não dispõem de recursos financeiros para tal. A biblioteca comunitária instalada junto às comunidades funciona como um veículo de ligação entre a comunidade e o espaço da biblioteca, como bem chama a atenção Suaiden (1995), Milanesi (2003) e Almeida Junior (1997).

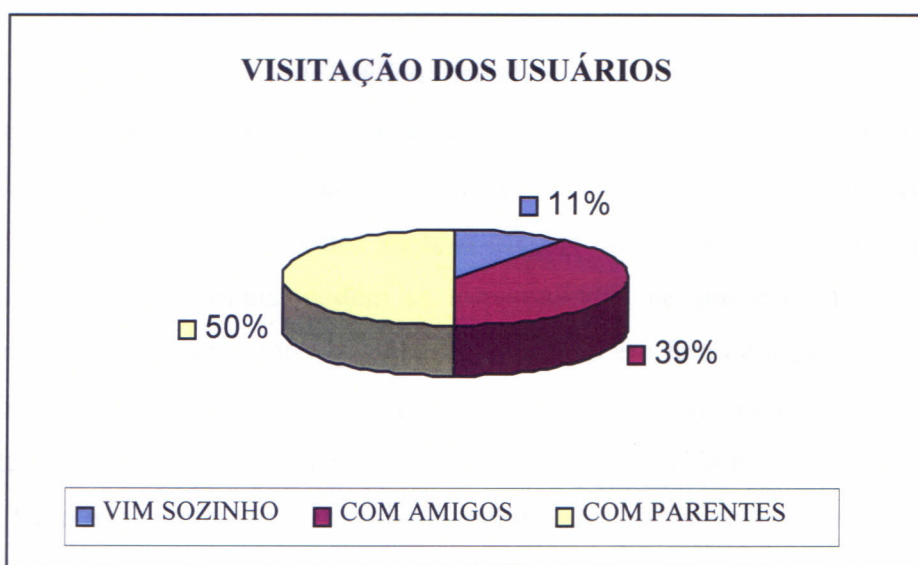


Gráfico 3 - Visita dos usuários a BCML

Fonte: Pesquisa *in loco*

Questionados sobre a motivação que os motiva a virem a BCML, a maioria (31%) mencionou serem as práticas esportivas oferecidas pela BCML, em seguida a ajuda que

é oferecida aos estudos (22%) e, simplesmente pelo gosto que têm em visitar a biblioteca (19%). Aspectos que podem ser observados no gráfico-4:

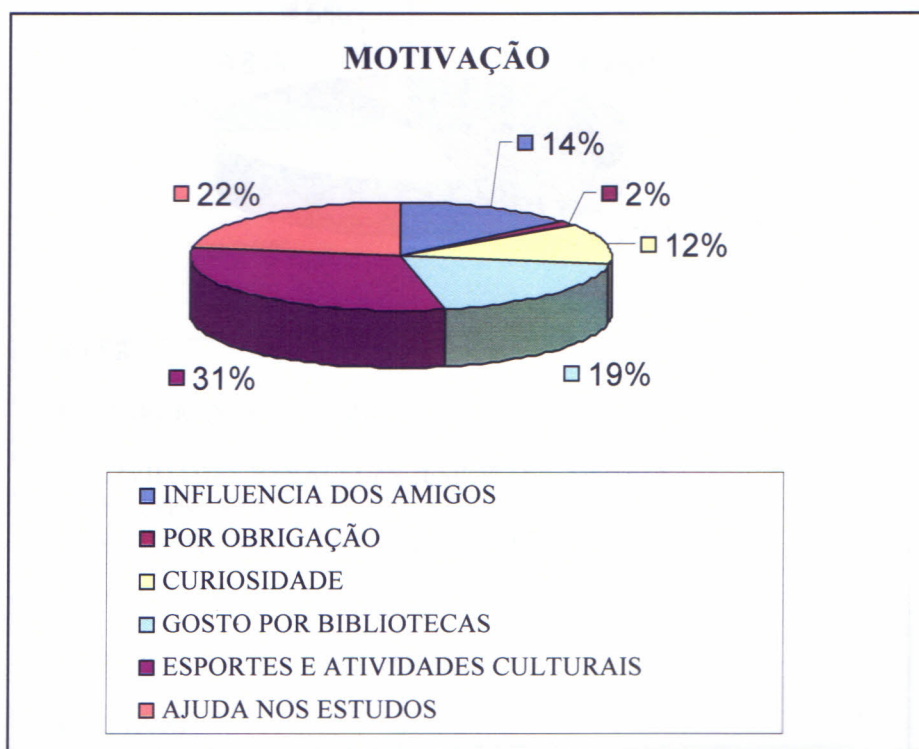


Gráfico 4 - Motivação da visita dos usuários a BCML

Fonte: Pesquisa *in loco*

A partir da análise deste gráfico, percebemos que as atividades oferecidas pela biblioteca foram primordiais para aproximar a comunidade deste espaço. O que chama atenção é o fato dos participantes terem mencionado em suas respostas o “gosto pela biblioteca”, ficando evidente que se estes espaços oferecerem outras possibilidades além de serviços e produtos convencionais, podem se tornar aliados no processo de socialização, educação e aprendizagem. Outra coisa que chama a atenção é o fato de a biblioteca oferecer atividades esportivas, algo que soa estranho por se tratar de uma instituição onde simbolicamente precisa ter muito silêncio e a BCML oferece atividades como judô, música, artes manuais. Tudo isto vem mostrar as várias possibilidades que se podem ser oferecidas em bibliotecas para atrair os usuários para a leitura tradicional. Isto é produzir sentido.

Em nossa pesquisa também nos interessamos em conhecer que atividades os usuários gostam mais de fazer na BCML. Ficou evidente (gráfico-5) que as atividades paralelas (esporte, desenho, música, artes manuais etc.), a leitura e a conversas com amigos ainda é o ponto forte em despertar no usuário a freqüência constante na biblioteca.

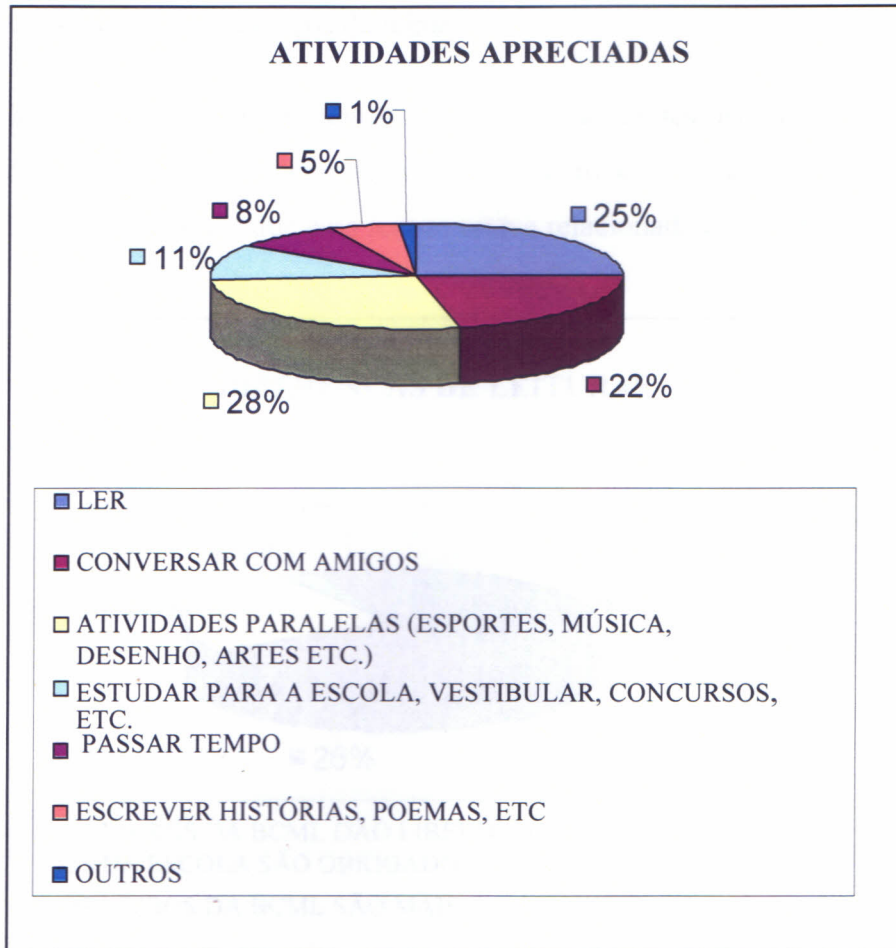


GRÁFICO 5 - ATIVIDADES APRECIADAS PELOS USUÁRIOS NA BCML
 Fonte: Pesquisa *in loco*

Neste sentido, percebe-se que o espaço da biblioteca vai além de consultas ao acervo, porém, nesta biblioteca fica claro que se trata de um espaço cultural, dinâmico e de múltiplas possibilidades, o que vem ao encontro das propostas mais modernas de bibliotecas comunitárias e escolares. Ou seja, perpassa pela biblioteca que, é um lugar onde circulam as informações, a inserção de outras atividades que não se resumam somente a leitura de livros, Porém, favoreça a leituras constantes das ações que ali se praticam, estimulando o ato de ler primeiramente a partir de atividades recreativas e culturais etc, principalmente porque muitos dos seus usuários não tinham na leitura o prazer da descoberta e da criação, como constataremos mais adiante. Portanto, as atividades oferecidas pela BCML, vêm ao encontro dos interesses iniciais de seus usuários.

c) Percepção dos espaços de leitura

Movidos na busca de identificar a percepção desses usuários com respeito as suas práticas de leituras, levando em consideração como essas práticas eram realizadas. Conforme gráfico-6, observamos que essa leitura estava relacionada intrinsecamente a escola:

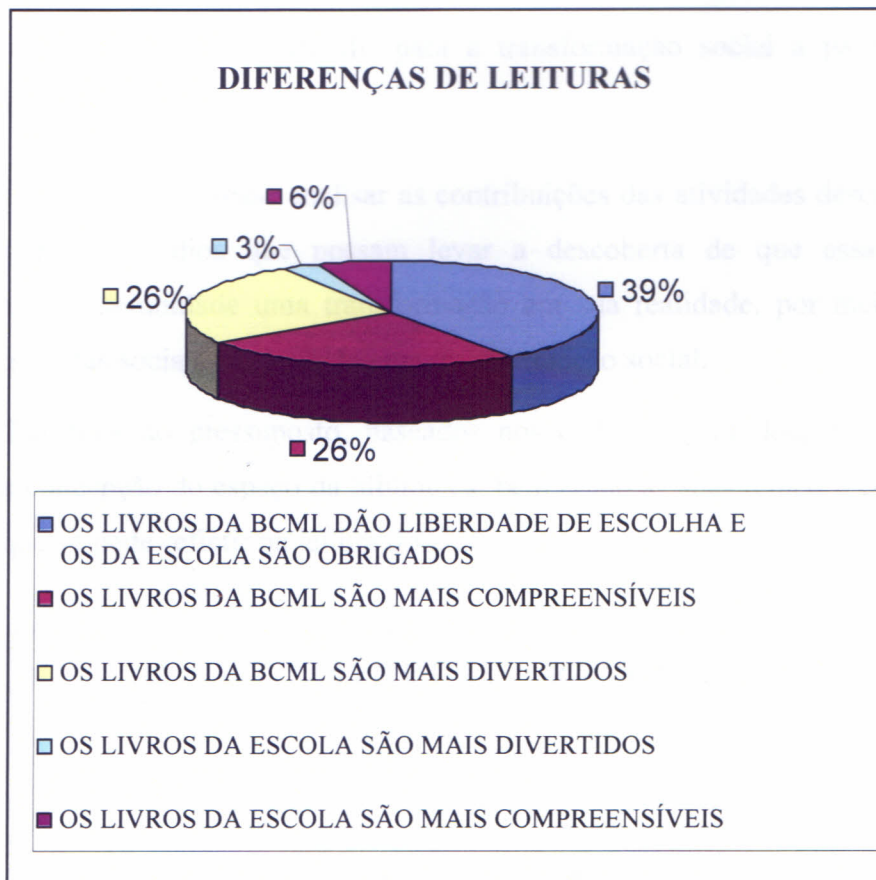


Gráfico 6 - Diferenças entre a leitura dos livros escolares e livros da BCML
 Fonte: Pesquisa *in loco*

Como podemos ver no gráfico-6, dentre as pessoas que tem a prática de leitura nas escolas, a maioria ao comparar a leitura feita na BCML com a leitura exigida nas escolas chegou à conclusão de que os livros da biblioteca oferecem mais liberdade de escolha, são compreensíveis e divertidos enquanto que os livros da escola são obrigatórios. Isto mostra que a leitura praticada na BCML oferece aos seus usuários a possibilidade do prazer e valorização da leitura. Logo, vem ao encontro do compromisso da biblioteca comunitária, que é oferecer uma leitura que se relacione com a realidade de seus usuários, através de atividades, cujas interpretações venham ao encontro de suas necessidades e interesses. Em outras palavras, para se ter uma leitura cativante, é preciso que esta venha acompanhada de significações

pertinentes à realidade de mundo do leitor, como afirma Paulo Freire. Isso vem ao encontro do principal desafio da biblioteca comunitária, que é possibilitar ao homem o desafio de ser sujeito ativo, consciente de suas decisões e mudanças, agindo e interferindo na sua própria realidade, bem como integrante de realidades externas, por meio das diversas práticas de leituras.

d) Contribuição da BCML para a transformação social a partir das ações realizadas junto à comunidade.

É de nosso interesse analisar as contribuições das atividades desenvolvidas na BCML, procurando subsídios que possam levar a descoberta de que essas atividades promovem junto à comunidade uma transformação em sua realidade, por meio da leitura relacionada às práticas sociais, em prol de uma transformação social.

Partimos do pressuposto, baseados nos dados já colhidos, que os usuários mudaram a sua concepção do espaço da biblioteca, bem como as suas relações com a leitura, resultado este que se pode refletir na leitura do gráfico-7:

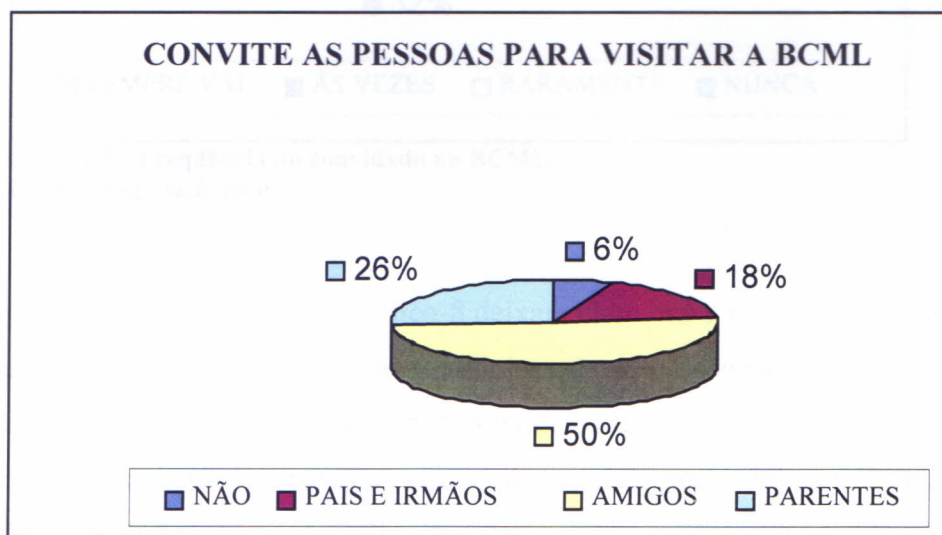


Gráfico 7 - Iniciativa dos usuários a convidar pessoas para visitar a BCML
 Fonte: Pesquisa *in loco*

Como se pode observar no gráfico-7, a maioria dos usuários sentiu a necessidade de convidar pessoas para freqüentarem a BCML, dentre as quais se encontram amigos em maior número e em seguida parentes, partilhando com outros a descoberta da leitura e suas atividades. Isso no mostra que as atividades da BCML têm se mostrado

atrativas, estimulando seus usuários a também partilharem a outros suas satisfações. Assim, a BCML vem agindo, conforme Almeida Júnior (1997), na “dimensão comunitária” favorecendo ao homem a realização e troca experiências, desenvolvendo sentimentos de generosidade, patriotismo, solidariedade, relações de trabalho, política, etc. A comunidade passa agora, na medida em que interfere ao inserir outros em suas atividades diárias, a ser um agente consciente e modificador, de sua realidade e da realidade de outros. Satisfeitos em poder observar tais contribuições, procuramos ir mais além, desta feita, queríamos identificar nessas contribuições os reflexos de uma contínua mudança, em que como podemos constatar no gráfico-8:

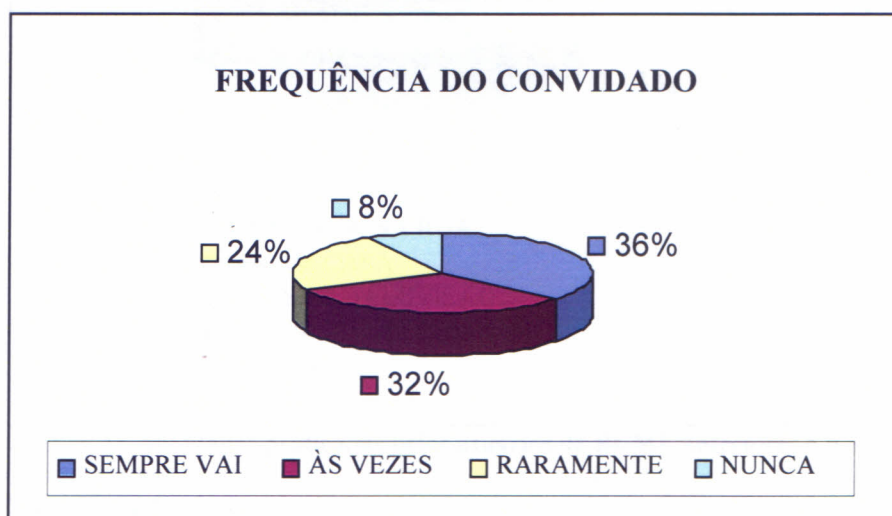


Gráfico 8 - Frequência do convidado na BCML
 Fonte: Pesquisa *in loco*

Os dados apresentados no gráfico-8 deixam claro que a maioria dos convidados continuou a visitar a biblioteca e passaram a participar de suas atividades, encontrando na leitura e atividades afins prazer e importância. Entendemos que a prática das atividades e a frequência são fatores fundamentais para que se complete o ciclo que se inicia na busca inicial pela informação, passando pela internalização desta junto as suas particularidades, e conseqüentemente a intervenção nas tarefas e ações diárias, para uma relação social, na medida em que experiências são compartilhadas e passadas adiante para que outros usufruam desta prática discursiva, e assim sucessivamente. Esta reflexão vem ao encontro das propostas de Bakhtin (1997) onde o leitor passa de objeto e receptor de informações, a agente ativo, contribuindo com o que recebe, e transformando a informação em conhecimento.

Em virtude de compreender as práticas anteriores dos usuários da BCML, para poder averiguar as mudanças e contribuições das leituras e atividades praticadas na BCML, procuramos identificar em que consistiam essas práticas. Observa-se no gráfico-9:

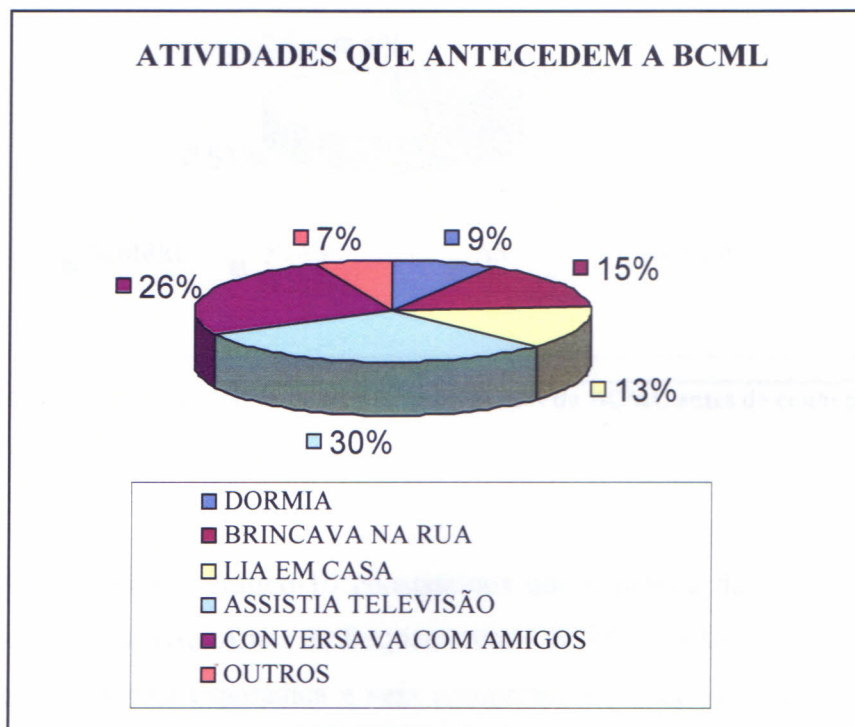


Gráfico 9 - Atividades praticadas pelos usuários da BCML anteriores a descoberta da biblioteca

Fonte: Pesquisa *in loco*

Ao analisar o gráfico-9 constatamos que as principais atividades praticadas pelos dos usuários antes de freqüentarem a BCML estavam em sua maioria entre a prática de assistir televisão, conversas com amigos e brincadeiras na rua. Podemos perceber que somente 13% de seus usuários tinham a prática da leitura, dessa forma o espaço ocioso era preenchido com atividades dispersas, sem direcionamento. Isso nos leva a perceber a falta de intimidade com o ato de ler, talvez por falta de um contato mais íntimo com este, buscando explorar seus prazeres e benefícios. Isso nos remete ao que Almeida Junior (1997) coloca como uns dos principais distanciamentos do grande “povão” ainda se manter distante das bibliotecas, pois este vincula unicamente, biblioteca a leitura, onde somente que ler, ou quem gosta de ler é que podem freqüentar bibliotecas.

Diante desse fato procuramos a partir das respostas dos pesquisados identificar dentre os que praticavam a leitura, como se dava a freqüência desta, conforme gráfico-10:

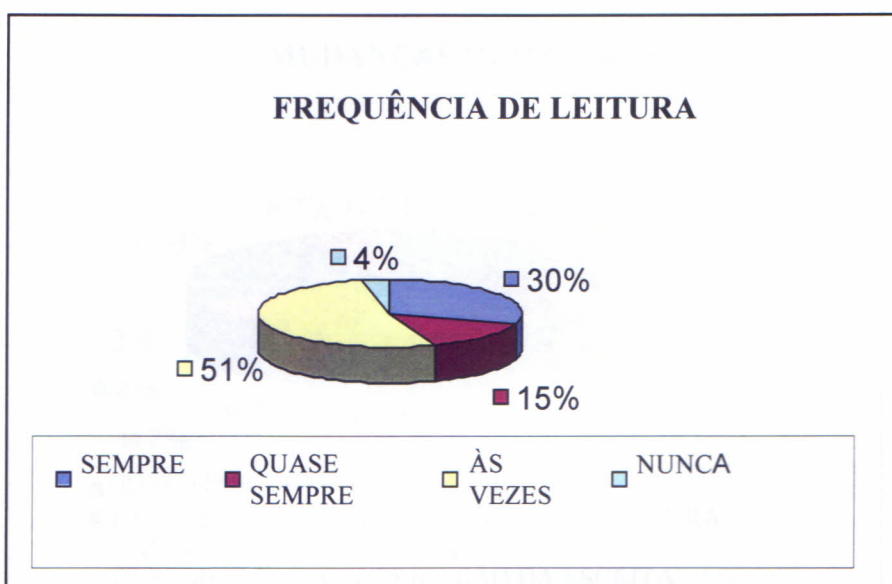


Gráfico 10 - Frequência de leitura dos usuários da BCML antes de conhecerem a biblioteca

Fonte: Pesquisa *in loco*

Observando o gráfico-10 constatamos que a prática da leitura anteriormente praticada era bastante escassa. Antes de frequentarem a BCML a prática da leitura feita pelos usuários era feita de forma esporádica e sem compromisso, onde se percebe que 51% dos entrevistados, a grande maioria, responderam que às vezes praticavam a leitura. Podemos perceber que mesmo em idades escolares os usuários não tinham a prática constante da leitura, muito menos o prazer desta. Assim, a biblioteca comunitária vem atuar, não só como suporte escolar e educacional, mas, possibilitando aos seus usuários descobrirem o prazer e a importância de se ler, atuando dinamicamente no social, na enraização da cultura, e na garantia da cidadania.

A partir da inserção da prática da leitura as atividades diárias dos usuários da BCML, de acordo com suas respostas, pressupõem mudanças significativas, que vão refletir diretamente no cotidiano desses usuários, como se observa no gráfico-11:

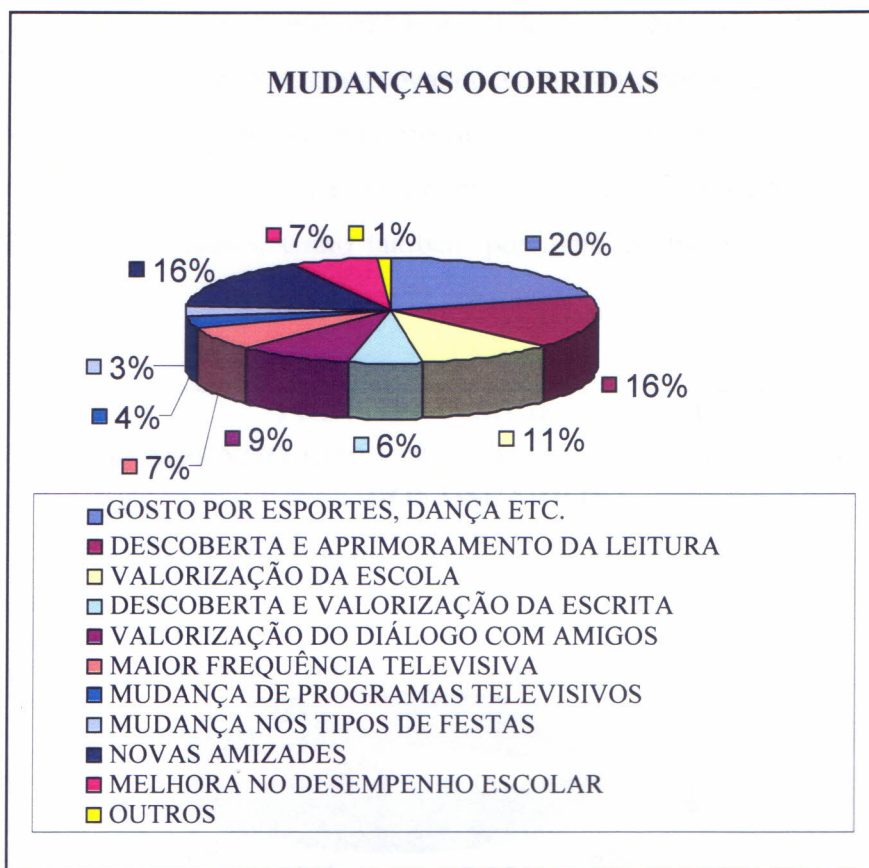


Gráfico 11 - Mudanças ocorridas nos usuários da BCML depois que passaram a freqüentar a biblioteca

Fonte: Pesquisa *in loco*

Como vemos no gráfico-11, após passarem a freqüentar a BCML algumas mudanças ocorreram em seus usuários, dentre as quais se destacam os gostos por esportes, dança etc, descoberta e aprimoramento da leitura, novas amizades e a valorização da escola. Fazendo da biblioteca um instrumento de mudança e inserção de novos valores, atuando não só no social, mas também na influência pelo gosto da leitura. Seus usuários tiveram uma mudança significativa nas práticas do dia a dia. Onde antes suas atividades se resumiam, como se vê no gráfico 5, a preencherem seu tempo fora da escola, com atividades recreativas, porém limitadoras, pois eram praticadas, sem reflexão, questionamento etc, podendo agora ainda exercerem atividades que supram essa necessidade, porém na perspectiva de poderem repensar suas ações e o resultado destas. Dessa forma vemos a atuação da biblioteca comunitária, exercendo sua função de disseminar a informação, trabalhando esta para que seus usuários pratiquem e conquistem a cidadania, e o direito de interferir, contribuindo com mudanças significativas, não só em suas vidas, mas, na comunidade em que se inserem.

As mudanças foram primordiais na ajuda direta para o desempenho dos estudos dos usuários e em suas ações diárias, comprovando assim conforme gráfico-12 a interferência da BCML na realidade destes, atuando na proposta de ação da biblioteca comunitária, que de acordo com Costa (1998), é agir em parceria com a comunidade tornando-se instrumento de reflexão, de discursões de idéias, como também por meio do trabalho coletivo e criativo, gerando transformações.

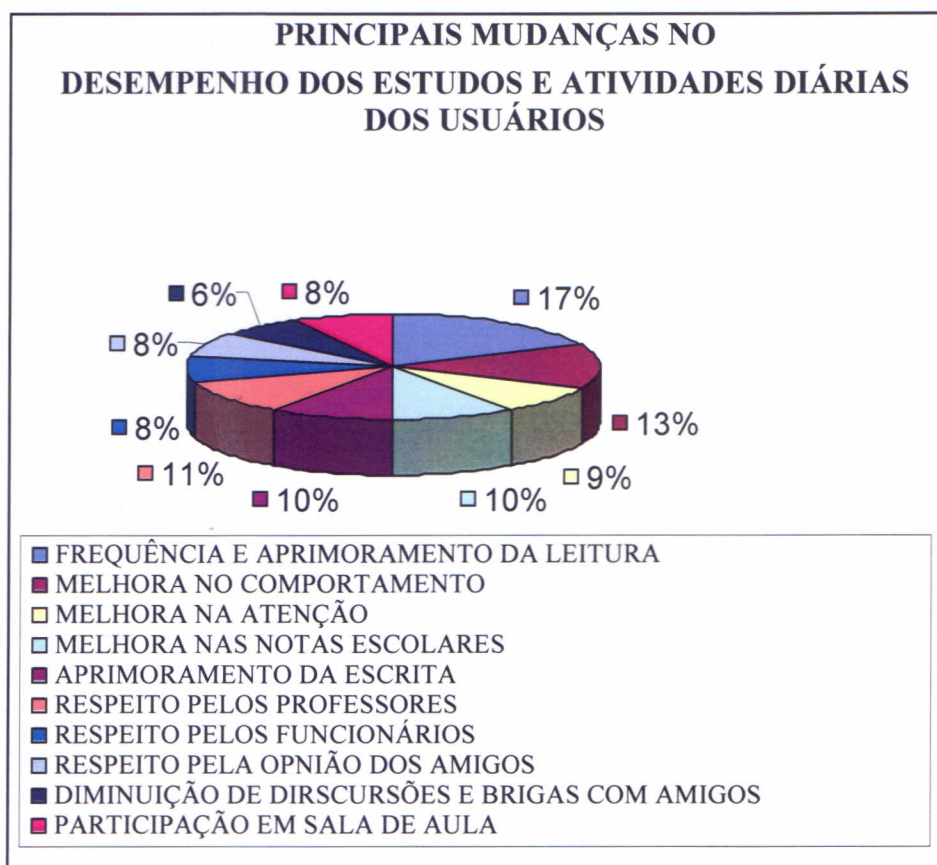


Gráfico 12 - Principais mudanças no desempenho dos estudos e atividades diárias dos usuários após frequentarem a BCML

Fonte: Pesquisa *in loco*

Ao passarem a frequentar a BCML e a praticar diariamente a leitura e o social, os usuários tiveram mudanças significativas em relação as suas atividades diárias praticadas anteriormente, onde 17% afirmarão que passaram a ler mais e aprimoraram a leitura existente, 13% obtiveram melhora de comportamento, 11% passaram a respeitar melhor seus professores, 10% aprimoraram a escrita e notas escolares, enquanto 8% passaram a respeitar funcionários e as opiniões dos amigos e melhoraram a participação em sala de aula, 6% diminuirão discursões e brigas com amigos. É visível de acordo com o gráfico-11, a grande mudança ocorrida nos usuários após passarem a buscar na leitura o prazer e liberdade de

poderem entender melhor a sua realidade e com isso passarem a modificá-la, tornando esse ato em benefício próprio e em benefício do seu semelhante. Pois é no contato com o outro, ou com um livro, que o homem interage de forma a permitir mudanças psicológicas. Essas mudanças vão atuar direto na socialização, onde o que foi lido, visto, ouvido, discutido, se funde com a realidade do leitor e é transformado a partir dessa socialização para influenciar a realidade vivida, onde, conforme Bakhtin, só haverá produção de sentido na leitura “quando houver interação entre ‘texto’ e leitor, envolvendo a realidade de ambos”.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura, na perspectiva apresentada e que almejamos inicialmente identificar na BCML, nos mostrou que esta é um importante instrumento de aquisição e produção de conhecimento, que opera no sujeito mudanças sociais vistas nas alterações ocorridas dentro de sua realidade.

Compreende-se então, a Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato como um espaço em que as ações ali praticadas não são alheias as pessoas que a buscam. Essas ações desenvolvidas através de seu espaço pretendem integrar a comunidade cada vez mais ao convívio social, em que se colocam em questão o ato de refletir sobre as coisas ao redor que estão intrinsecamente envolvidas no seio da comunidade.

Por meio da pesquisa aplicada, percebemos a importância da BCML no processo de criação, desenvolvimento e integração das práticas de leituras para o convívio social, onde se torna possível interagir e promover uma leitura consciente, por meio de atividades que não se resumam propriamente a leitura de um livro, mas que supram necessidades prioritárias de sua comunidade, como de lazer, de convivência social, e de busca de uma identificação cultural e política. E por meio dessas atividades pode a biblioteca participar do “mundo” de sua comunidade, bem como torná-la parte integrante de suas ações. Revelando que o ato de ler passa a ser prazeroso na medida em que se associa aos interesses da comunidade, passando esta a se identificar com essa prática, e olhar quem sabe, agora o livro e a sua leitura como algo presente no seu dia a dia.

Assim, é preciso uma mudança de olhar, observar a leitura e suas práticas como um agente transformador social, não só por pesquisadores e estudiosos, mas principalmente pela sociedade, compreendendo a significância desta quando colocada em prática, entendendo o “por que e o para que se lê”, fazendo com que, não só os leitores da BCML, mas também a sociedade passe a olhar a leitura agora, não com desconfiança ou como algo alheio ao seu cotidiano, mas como algo que possa ser feito no momento e no lugar de trabalho, em casa, no quarto, debaixo de uma árvore, em grupo, na escola etc.; e que esse ato de ler conscientemente é a alavanca de grandes mudanças sociais.

Finalmente, entendemos que a BCML tem se preocupado em trabalhar as práticas leitoras de maneira a permitir aos seus usuários formas e possibilidades de aliar as diversas leituras por eles praticadas ao contexto social. Assim, sua grande contribuição está em favorecer aos seus usuários relações conscientes de produções de sentidos, por intermédio

de ações diárias e pelas trocas de experiências entre seus usuários, no convívio social que o espaço da biblioteca oferece.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e biblioteconomia**. São Paulo: Polis 1997 a.
- _____. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: UEL, 1997b.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.
- BAIRON, Sergio. **Multimídia**. São Paulo: Global, 1995.
- BOTERF, Guy Le. Propostas e reflexões metodológicas. In: _____. BRANDÃO, Carlos, Rodrigues (org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 51-81.
- CABRAL, Maria Luísa. **Bibliotecas: acesso, sempre**. Lisboa: Ed. Colibri, 1996.
- CYSNE, Maria do Rosário Portela. **A Biblioteconomia: dimensão social e educativa**. Fortaleza: Ed. UFC, 1993.
- CAPORALINI, Maria Bernadete S. Cecília. Na dinâmica interna da sala de aula: o livro didático. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord.). **Repensando a didática**. 12. ed. Campinas: Papirus, 1996.
- COSTA, Maria de Fátima Oliveira. Construindo e implantando Bibliotecas: caminhos para a cidadania. In: Congresso Galaico Português psicopedagogia, 8, 2005, Braga. **Anais...** Portugal, 2005, p. 1127-1137.
- COSTA, Maria de Fátima Oliveira; ANDRADE, Ivone Bastos Bonfim. Necessidades de informação da Comunidade do distrito da Taquara: uma experiência de extensão universitária. 1998. Disponível em <http://www.informaçõesociedade.ufpb.br>. Acesso em: 15 nov. 2006.
- DAMIS, Olga Teixeira. Didática: suas relações, seus pressupostos. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord.). **Repensando a didática**. 12. ed. Campinas: Papirus, 1996.
- DUARTE, Newton. Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 44, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000100008&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 10 Dez. 2006.
- FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca pública brasileira: considerações em torno de resultados de pesquisa. **Ensaio APB**, N.49, São Paulo, 1997.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores associados, Cortês, 1984.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. Bakhtin e a psicologia. In: Baraco, Carlos Alberto. (Org.). **Diálogo com Bakhtin.** Curitiba: UFPR, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JAUSS, Hans Robert. et al. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

MARIN, Louis. Ler um quadro: uma carta de Poussin em 1939. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura.** São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

MARTINS, Beatriz Araújo. Um novo olhar sobre teorias da recepção. **Olhar Midiático,** Rio de Janeiro, p. 33-40, março 1998.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Primeiros Passos).

MELO, José Marques de. Comunicação social: da leitura á leitura crítica. In: ZILBERMAN, Regina, SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares.** São Paulo: Ática, 1998.

MILANESI, Luis. **A casa da invenção.** 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

PULCINELLE, Eni O. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: ZILBERMAN, Regina, SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares.** São Paulo: Ática, 1998.

RABELLO, Odília Clark Peres. Da biblioteca pública á biblioteca popular: análise das contradições de uma trajetória. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG,** Belo Horizonte, n. 16, p. 19-42, março 1987.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, Marisa Perrone Campos. A questão da cidadania na sociedade da informação. **Ciência da informação.** Brasília, v. 29, n.1, p. 41-45, jan./abr. 2000.

SIVA NETO, Casemiro. O receptor globalizado: para além das visões reducionistas do sujeito. **REDES,** Rio de Janeiro, v. 2, n.4, p. 40-50, jan./ abril 1998.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUSA, Francisco das Chagas de. A construção escolar do bibliotecário brasileiro: ontem, hoje, amanhã. **Ciência da Informação,** Brasília, v.18, n.2, p.115-125, jul/dez.1990.

SUAIDEN, Emir. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.

TARGINO, Maria das Graças. Biblioteconomia, informação e cidadania. **Revista da Escola de Biblioteconomia – UFMG**. Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 149-160, jul./dez. 1991.

TREVISAN, Eunice Maria Castegnar. Os modelos cognitivos. In: _____. **Leitura: coerência e conhecimento prévio (uma exemplificação com o frame carnaval)**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1992. p. 29-53.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ZILBERMAN, Regina, SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.). Pedagogia da leitura: movimento e história. In: _____. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1998.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

Este presente questionário tem por objetivo colher alguns dados para a pesquisa que tem por título **“LEITURA: INTERVENÇÃO NA REALIDADE PARA UMA PRÁTICA SOCIAL, UM ESTUDO DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA MONTEIRO LOBATO”**. Agradecemos a sua participação em cooperar para este fim. Obrigada!

1. Qual a sua idade?

- 5 a 10 anos
- 11 a 15 anos
- 16 a 20 anos
- 21 a 30anos
- Mais de 31 anos

2. Quais são seus principais interesses no dia a dia?

- Esportes
- Dança
- Leitura
- Ver televisão
- Viagens e passeios
- Festas
- Conversar com amigos
- Namorar
- Trabalhar
- Escrever
- Desenhar

Outros: _____

3. Com quem você veio pela primeira vez à Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato (BCML)?

Pode-se responder mais de uma alternativa.

- Vim sozinho
- Vim com amigos
- Vim com parentes (pai, mãe, irmãos, tia, etc.).

Outros: _____

4. Porque você veio a BCML. Pode-se responder mais de uma.

- Por meio da influência de meus amigos
- Por obrigação
- Por curiosidade
- Porque gosto de freqüentar bibliotecas

Por causa dos esportes e atividades culturais

Para ajudar nos meus estudos

Outros: _____

5. O que você mais gosta de fazer na BCML? **Pode-se responder mais de uma alternativa.**

Ler

Conversar com os amigos

Fazer as atividades paralelas (esporte, música, desenho, artes, etc.)

Estudar para a escola, vestibular, concursos, etc.

Passar o tempo

Escrever histórias, poemas, etc.

Outros _____

6. Há que horas você costuma vir a BCML?

O dia todo Pela manhã

Pela tarde Quando tenho tempo

Outros _____

7. Quantos dias por semana?

A semana toda Um a dois dias Mais de dois dias

8. Que atividades você praticava antes, no horário de vir à biblioteca?

Dormia Assistia televisão

Brincava na rua Conversava com os amigos

Lia em casa Outros _____

9. O que mudou depois que você passou a freqüentar a BCML? **Pode-se responder mais de uma alternativa.**

Hoje gosto mais de esportes/ dança/ artes, etc.

hoje gosto mais de ler ou leio mais

Hoje gosto mais da escola

Passei a escrever ou escrevo mais

Converso mais com os amigos

Assistio mais televisão (filmes, jornais, etc)

Mudei meus programas televisivos

Vou às mesmas festas

Mudei os tipos de festas

Fiz novos amigos

Melhorou meu desempenho escolar

Piorou minhas atividades escolares

Outros: _____

10. Você costumava ler antes de freqüentar a BCML?

Sempre Quase sempre Às vezes

Nunca (passe para a questão de nº 12)

11. Aonde você costuma ler? **Pode-se responder mais de uma alternativa.**

Na escola

Em casa

Casa de amigos

Em outra biblioteca

Outros: _____

12. Você costuma ler os livros pedidos pela escola, cursos ou outra atividade?

Sim Não (**Passa para questão 15**) Às vezes

13. Existe alguma diferença entre ler livros da escola, cursos, etc. e os livros que você lê na BCML?

Sim Não (**Passa para questão 15**)

14. Quais as diferenças? **Pode-se responder mais de uma alternativa.**

Os livros da BCML eu escolho o que eu quero ler e os da escola ou curso é obrigado

Eu consigo entender mais os livros da BCML

Eu entendo melhor os da escola ou curso

Os livros da BCML são mais divertidos

Os livros da escola ou curso são mais divertidos

Outros: _____

15. Você convidou alguém para visitar a BCML? **Pode-se responder mais de uma alternativa.**

Não (**Passa para a questão 18**) Convidei amigos

Convidei pais e irmãos Convidei parentes (Tios, primos, etc.)

Outros: _____

16. Qual a razão do convite? **Pode-se responder mais de uma alternativa.**

A BCML desperta interesse Você não queria freqüentar sozinho

Possui muitos livros Possui atividades de esportes, dança, desenho, artes etc

Outros: _____

17. Essa pessoa que você convidou continua freqüentando a biblioteca?

Sempre vai Às vezes

Raramente Não

18. Houve alguma mudança em seu desempenho nos estudos, escola, cursos depois que passou a freqüentar a BCML? **Pode-se responder mais de uma alternativa.**

Leio mais ou melhor

Sou mais comportado

Sou mais atento

Minhas notas melhoraram

Escrevo melhor

Respeito mais meus professores

Respeito mais os funcionários (Porteiro, merendeira, faxineira, etc.)

Respeito mais as opiniões dos meus amigos

Discuto ou brigo menos com meus colegas

Participo mais em sala de aula

Outros: _____

19. Sugestões:

ANEXO A – ESTATUTO SOCIAL

ESTATUTO SOCIAL DA "RESGATE DOS VALORES PELA ARTE" OU SIMPLEMENTE "REVARTE", APROVADO PELA ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA, REALIZADA EM 05 DE JANEIRO DE 1999

CAPÍTULO I - DA DENOMINAÇÃO, SEDE, OBJETIVOS E DURAÇÃO

ARTIGO 1º.: "RESGATE DOS VALORES PELA ARTE", ou simplesmente "REVARTE", é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, de caráter filantrópico, contituída em 05 de Janeiro de 1999, com sede e foro à rua Salvador Correia de Sá Nº 465 Conjunto Alvorada, Fortaleza-Ceará, e se regerá pelo presente estatuto e disposições legais aplicáveis.

ARTIGO 2º.: A "RESGATE DOS VALORES PELA ARTE" tem como finalidade primordial o incentivo a cultura. Para cumprir tais finalidades, a instituição empreenderá as seguintes ações:

A) Proporcionar à crianças, adolescentes e adultos, principalmente aos dois primeiros, o desenvolvimento de atividades que incentivem a prática de coral, teatro, pintura, tocar instrumentos musicais, bordados, croché, tapeçaria, culinária, cabeleireiro, dança, práticas esportivas, incentivo à cidadania, bem como outras atividades que incentivem a cultura.

B) Realização de atividades sócio-ludo-psicoterápico.

C) Incentivo à leitura.

ARTIGO 3º.: Para alcançar os seus fins e objetivos, poderá a "REVARTE" assinar acordos e convênios com pessoas e/ou entidades de direito público e privado, nos âmbitos nacional e internacional.

ARTIGO 4º.: A "REVARTE" terá duração indeterminada, salvo decisão de dissolução tomada pela Assembléia Geral Extraordinária, com base no presente estatuto social.

ARTIGO 5º.: Os objetivos sociais da "REVARTE" são desprovidos de quaisquer vínculos político-partidários e, no desenvolvimento de suas atividades não fará discriminação quanto a raça, nacionalidade, cor, sexo, ideologia, religião e outras.

ARTIGO 6º.: A "REVARTE" terá regras elaboradas pela Diretoria para o seu funcionamento em forma de Resolução.

ARTIGO 7º.: Afim de cumprir suas finalidades, a instituição se organizará em tantas unidades de prestação de serviços, quantas se fizerem necessárias, as quais se regerão por normas baixadas pela Diretoria.

CAPÍTULO II - DOS SÓCIOS, ÓRGÃOS DE ADMINISTRAÇÃO E SUA COMPETÊNCIA

ARTIGO 8º.: A "REVARTE" é constituída por número indeterminado de sócios, distribuídos nas seguintes categorias: FUNDADOR, BENEMÉRITO E CONTRIBUINTE.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: São sócios FUNDADORES as pessoas físicas que assinaram a Ata de Constituição da "REVARTE".

PARÁGRAFO SEGUNDO: São sócios BENEMÉRITOS todos aqueles que prestam relevantes serviços à Instituição, a critério da Diretoria.



Mercos
R.
A.

PARÁGRAFO TERCEIRO: São sócios **CONTRIBUINTES** todos aqueles que contribuem regularmente com valores filantrópicos para a Instituição, devidamente registrados em livro próprio.

ARTIGO 9º.: São direitos dos sócios quites com suas obrigações sociais:

- A) Tomar parte nas Assembléias Gerais;
- B) Votar e ser votado;
- C) Ter sempre franqueadas as oportunidades, para o engrandecimento da Instituição;
- D) Usufruir dos benefícios e serviços prestados pela Instituição ao conjunto dos associados.

ARTIGO 10.: São deveres dos Sócios:

- A) Cumprir as disposições estatutárias e resoluções baixadas pela Diretoria;
- B) Acatar as determinações dos órgãos da administração desde que estas estejam de acordo com o objetivo da Instituição;
- C) Prestigiar a Instituição através de sua participação ativa nas atividades por ela realizadas;
- D) Contribuir financeiramente para a Instituição conforme determinação da Assembléia Geral;
- E) Não tomar deliberação, assumir compromisso ou falar oficialmente em nome da "REVARTE", sem prévia autorização dos órgãos de Administração;
- F) Preservar o patrimônio e o conceito da Entidade;
- G) Empreender esforços possíveis, para manter a "REVARTE" em condições de cumprir seus objetivos;
- H) Propagar o espírito humano, fraterno e filantrópico da Instituição.

ARTIGO 11.: Os sócios da "REVARTE", por descumprimento dos preceitos disciplinares, estarão sujeitos às seguintes penalidades:

- A) Advertência;
- B) Suspensão;
- C) Exclusão.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: A advertência será aplicada pela Diretoria nos casos de atos que contrariem os fins do presente Estatuto Social e das Resoluções.

PARÁGRAFO SEGUNDO: A suspensão aplicar-se-á na reincidência do disposto no parágrafo anterior.

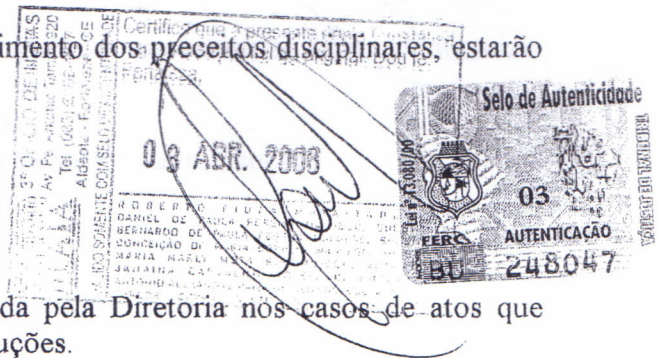
PARÁGRAFO TERCEIRO: O prazo mínimo de suspensão será de 30 (trinta) dias. Havendo reincidência será o acusado excluído dos quadros de sócios da Instituição.

PARÁGRAFO QUARTO: A exclusão só poderá ser pronunciada depois que o membro em questão tenha amplo direito de defesa.

ARTIGO 12.: São órgãos de Administração da "REVARTE":

- A) Assembléia Geral;
- B) Diretoria
- C) Conselho Fiscal

ARTIGO 13.: Os membros eleitos ou conduzidos a compor quaisquer cargos, empossar-se-ão mediante "Termo de Posse", assinado em livro próprio, independente de qualquer caução para garantia de responsabilidade.



Handwritten signatures and initials at the bottom of the page, including a large signature that appears to be 'Marco Luiz Pinto' and other initials.

Marcos Luiz Pinto
Marcos Luiz Pinto
Escritor Autorizado

30. R. P. J. DE FORTALEZA - CE
Registro No. 168573
04 Mar 99 - PAGINA 4/9
Emls. R\$ 33,85

PARÁGRAFO ÚNICO: Para serem empossados os membros da Diretoria apresentarão documento oficial de identidade e relação de bens atualizada.

ARTIGO 14.: Nenhum membro dos órgãos de Administração: Assembléia Geral, Diretoria e Conselho Fiscal, perceberá a qualquer título, salário, gratificação ou outras vantagens financeiras pelo desempenho deste mister de relevante valor social.

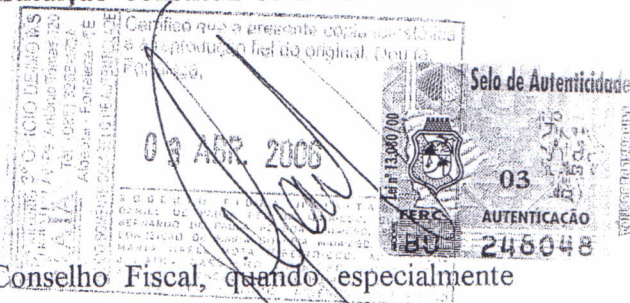
ARTIGO 15.: Os membros da Instituição não respondem solidariamente nem subsidiariamente pelas obrigações e encargos desta.

PARÁGRAFO ÚNICO: Qualquer membro dos órgãos de Administração que, por desrespeito a este Estatuto Social e Resoluções da Diretoria vier por dolo, causar prejuízo material e/ou moral a "REVARTE" ou a terceiros, responderá civil e criminalmente pelos seus atos.

ARTIGO 16.: A Assembléia Geral, órgão soberano da instituição constituir-se-á dos sócios em pleno gozo de seus direitos estatutários.

ARTIGO 17.: Compete à Assembléia Geral:

- A) Eleger a Diretoria e o Conselho Fiscal;
- B) Decidir sobre a reforma do Estatuto;
- C) Decidir sobre a extinção da Entidade;
- D) Cassar o mandato dos membros da Diretoria e do Conselho Fiscal, quando especialmente convocada para esse fim;
- E) Decidir sobre a conveniência de alinear, transigir, hipotecar ou permutar bens patrimoniais, ouvida a Diretoria;
- F) Aprovar plano anual de trabalho elaborado pela Diretoria;
- G) Apreciar e deliberar sobre recursos relativos à exclusão de sócios da instituição;
- H) Aceitar renúncias de Diretores e Sócios;
- I) Excluir Diretores e Sócios.



ARTIGO 18.: A Assembléia Geral realizar-se-á, ordinariamente, uma vez por ano, sempre no primeiro trimestre para:

- A) Apreciar o Relatório Anual da Diretoria;
- B) Discutir e homologar as contas e o balanço geral aprovados pelo Conselho Fiscal.

ARTIGO 19.: A Assembléia Geral realizar-se-á, extraordinariamente, quando convocada:

- A) Pela Presidência da Diretoria;
- B) Pela Diretoria, através de 2/3 (dois terços) dos seus membros;
- C) Por um requerimento de pelo menos metade mais 01 (um) do número de sócios quites com as obrigações sociais;
- D) Pelo Conselho Fiscal, através dos seus membros.

ARTIGO 20.: A convocação da Assembléia Geral será feita por meio de Edital afixado na sede da Instituição, com antecedência mínima de 08 (dias).

PARÁGRAFO ÚNICO: Qualquer Assembléia instalar-se-á em primeira convocação com a maioria dos sócios e, em segunda convocação, meia hora depois com qualquer número.

[Handwritten signatures and initials]

ARTIGO 21.: O Conselho Fiscal, de caráter deliberativo e fiscal constituído por número limitado de 03 (três) pessoas eleitas pela Assembléia Geral, com mandato de 04 (quatro) anos, sendo permitida a reeleição, terá como atribuições:

- A) Supervisionar a gestão da Diretoria;
- B) Fiscalizar a Receita e a Despesa da Instituição, bem como a aplicação dos seus recursos;
- C) Zelar pelo prestígio da Instituição, sugerindo medidas que a resguardem;
- D) Opinar sobre qualquer assunto de relevância para a Instituição;
- E) Apreciar a alienação de imóveis e aceitação de doações com encargos, sempre que destes se origine para a Instituição, ônus superior à importância doada;
- F) Examinar os livros e documentos contábeis fiscais da Instituição, inclusive sua movimentação financeira;
- G) Dar parecer conclusivo sobre prestação de contas e o Relatório Anual;
- H) Aprovar planos setoriais de trabalho e proposta orçamentária específica e acompanhar-lhe a execução.

ARTIGO 22.: O Conselho Fiscal reunir-se-á com a maioria dos seus membros:

- A) Ordinariamente, semestralmente.
- B) Extraordinariamente, quando convocado pelo Presidente do Conselho Fiscal ou pela Diretoria.

ARTIGO 23.: As decisões do Conselho Fiscal, serão tomadas pela maioria absoluta dos seus membros.

ARTIGO 24.: O Conselho Fiscal será constituído por 01(um) Presidente, 01(um) Vice-presidente e 01(um) Secretário, eleitos entre os seus membros, com mandato coincidente com a Diretoria, sendo permitida a reeleição.

ARTIGO 25.: Compete ao presidente do Conselho Fiscal:

- A) Presidir as reuniões do Conselho;
- B) Orientar as atividades programadas;
- C) Assinar com o Secretário as Atas das reuniões;
- D) Outras atribuições típicas do presidente.



ARTIGO 26.: Compete ao Vice-Presidente do Conselho Fiscal:

- A) Substituir o Presidente em suas faltas ou impedimentos;
- B) Assumir o mandato em caso de vacância até o seu término;
- C) Prestar de modo geral a sua colaboração ao Presidente.

ARTIGO 27.: Compete ao Secretário do Conselho Fiscal:

- A) Secretariar as reuniões, redigir e assinar com o Presidente, as Atas;
- B) Outras atribuições típicas do Secretário.

ARTIGO 28.: A Diretoria será constituída por 01 (hum) Presidente, 01 (hum) Vice-Presidente; 01(hum) Secretário, 01 (hum) Tesoureiro, eleitos pela Assembléia Geral, com mandato de 04(quatro) anos, sendo permitida a reeleição.

Marcos Luiz Pinto
[Handwritten initials and signatures]

Marcos Luiz Pinto
Marcos Luiz Pinto
Escrivente Autorizado

30. R.P.J. DE FORTALEZA - CE
Registro NO. 1.58973
04 Mar 99 - PAGINA 7/9
Emls. R\$ 33.05

- F) Conservar, sob sua guarda e responsabilidade os documentos relativos à Tesouraria;
- G) Manter todo o numerário em estabelecimento de crédito;
- H) Coordenar as campanhas financeiras.

Marcos Luiz Pinto
Escrivente Autorizado

CAPÍTULO III - DO PATRIMÔNIO, RECEITAS E EXERCÍCIO SOCIAL

ARTIGO 34.: O patrimônio da "REVARTE" será constituído por:

- A) Bens móveis, imóveis, semoventes, ações e apólices da dívida pública;
- B) Doações, subvenções que forem feitas por Entidades de direito público e privado;
- C) Por receitas incorporáveis, resultantes de suas atividades;
- D) Pela renda e juros de contas bancárias;
- E) Bens de direitos que lhe forem incorporados em virtude de convênios ou pelo menos que a "REVARTE" aceitar oriundas de doações ou legados;
- F) Pelos bens de direito que no ato constitutivo da "REVARTE" forem doadas por terceiros interessados nas finalidades da instituição.

ARTIGO 35.: Constituem receitas da "REVARTE":

- A) As contribuições dos sócios;
- B) Aplicações bancárias, títulos de sua propriedade e depósitos bancários;
- C) Subvenções de qualquer espécie;
- D) Venda de imóveis;
- E) Verbas eventuais;
- F) Doações;
- G) Recursos oriundos dos programas de promoções;
- H) Recursos oriundos de campanhas junto à comunidades.



ARTIGO 36.: Os bens e direitos da "REVARTE" somente poderão ser utilizados na realização de seus objetivos.

ARTIGO 37.: A "REVARTE" poderá receber doações ou legado com ou sem encargos, para a ampliação de suas instalações ou custeio de determinados serviços.

ARTIGO 38.: O exercício social coincidirá com o ano civil.

PARÁGRAFO ÚNICO: No fim de cada exercício, proceder-se-á aos levantamentos do Inventário e do balanço geral, com observância das prescrições legais.

CAPÍTULO IV - DA EXTINÇÃO DA INSTITUIÇÃO

ARTIGO 39.: A instituição extinguir-se-á:

- A) Pela impossibilidade de manter-se;
- B) Quando não exercitar a plenitude de suas finalidades;
- C) Por deliberação da unanimidade dos votantes da Assembléia.

ARTIGO 40.: Extinta a instituição, o patrimônio, bens e títulos passarão a outra instituição, devidamente registrada na Secretaria de Cultura do Município, indicada pelo Presidente, com aprovação do Conselho Fiscal.

Marcos Luiz Pinto
M. P. P. R.
M. P. P. R.

Marcos Luiz Pluta
Marcos Luiz Pluta
Escritor Autorizado

30. R.P.T. DE FORTALEZA-CE
Registro No. 168573
04 Mar 99 - PAGINA 8/9
Emis. R\$ 33.85

CAPÍTULO V - DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

ARTIGO 41.: O presente Estatuto Social foi aprovado em Assembléia Geral, realizada em 05 de Janeiro de 1999.

ARTIGO 42.: O Estatuto Social poderá ser reformado em qualquer época, por iniciativa da Diretoria ou Conselho Fiscal, em Assembléia Geral, especialmente convocada para esse fim, mediante votação de pelo menos 2/3 (dois terços) do número de sócios quites com as obrigações sociais e entrará em vigor na data do seu registro no Cartório competente.

ARTIGO 43.: Os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria com apoio do Conselho Fiscal, de acordo com a lei em vigor.

ARTIGO 44.: Este estatuto Social entrará em vigor na data do seu registro no Cartório de Títulos e Documentos



Fortaleza, 05 de Janeiro de 1999

DIRETORIA

PRESIDENTE:

Alice Domenech Tupinamba
ALICE DOMENECH TUPINAMBA, brasileira, casada, aposentada, RG nº 94002564317 SSP-CE, CIC nº 4607698075-3, residente e domiciliada à rua José Alcides Rocha nº 120 Água Fria, Fortaleza-Ce

VICE-PRESIDENTE:

Ricardo de Oliveira Rizzato
RICARDO DE OLIVEIRA RIZZATO, brasileiro, casado, engenheiro, RG nº 1.251352 SSP-CE, CIC 155486513-15, residente e domiciliado à Avenida Washington Soares nº 4.200 Cidade dos Funcionários, Fortaleza-Ce

SECRETÁRIA:

Therezinha de Jesus Mesquita Ciríaco
THEREZINHA DE JESUS MESQUITA CIRÍACO, brasileira, viúva, professora, RG nº 72354 SSP-CE, CIC 208812823-90, residente e domiciliada à rua José Alcides Rocha nº 111 Água Fria, Fortaleza-Ce

TESOUREIRO:

Francisco Assis de Mesquita Ciríaco
FRANCISCO ASSIS DE MESQUITA CIRÍACO, brasileiro, casado, contador, RG nº 767585-84 SSP-CE, CIC 295141423-49, residente e domiciliado à rua Silva Jatay nº 1140 Ap. 2101 Praia de Iracema, Fortaleza-Ce

CONSELHO FISCAL

Ulisses Germano Leite Rolim
ULISSES GERMANO LEITE ROLIM, brasileiro, casado, professor, RG nº 1366973 SSP-CE, CIC 213697473-49, residente e domiciliado à Rua João Alves Albuquerque nº 282 Cidade dos Funcionários, Fortaleza-Ce

Raquel Fraga de Oliveira

(P)

RAQUEL FRAGA DE OLIVEIRA, brasileira, divorciada, do lar, RG nº 97002648680 SSP-CE, CIC 119688341-68, residente e domiciliada à Rua Ramos Botelho nº 591 Ap. 101 Papicu, Fortaleza-Ce

Ved Kumari Arora

K.

VED KUMARI ARORA, indiana, casada, professora, RNEW 117497-9, CIC 162558953-00, residente e domiciliada à Avenida Engenheiro Santana Júnior nº 136 Papicu, Fortaleza-Ce.



Ronaldo Saunders Monteiro
Ronaldo Saunders Monteiro
Advogado - OAB-CE 12.078
CPF 639/493 663 - 34

30. R.P.J. DE FORTALEZA-CE
Registro No. 168573
04 Mar 99 PAGINA 9/9
Emls. R\$ 33,85

Marcos Luiz Pinto
Marcos Luiz Pinto
Escrevente Autorizado

Tribunal de Justiça	
Provimento 06/97	
SELO DE AUTENTICIDADE	CARTÓRIO MELO JR. - 6º. OFÍCIO
Emolumento	31,75
TERMOJU	2,00
PRECATÓRIO	0,10
Nº do Selo	741594
Via(s)	01
Válido com selo de autenticidade	

Atestamos que a presente é uma cópia verdadeira e fiel do original. Dou fé.
Fortaleza.

03 ABR. 2006

SELO DE AUTENTICIDADE
L nº 13.080/00
BU 248203
03
Selo de Autenticidade
VIA DA JUSTIÇA

K.